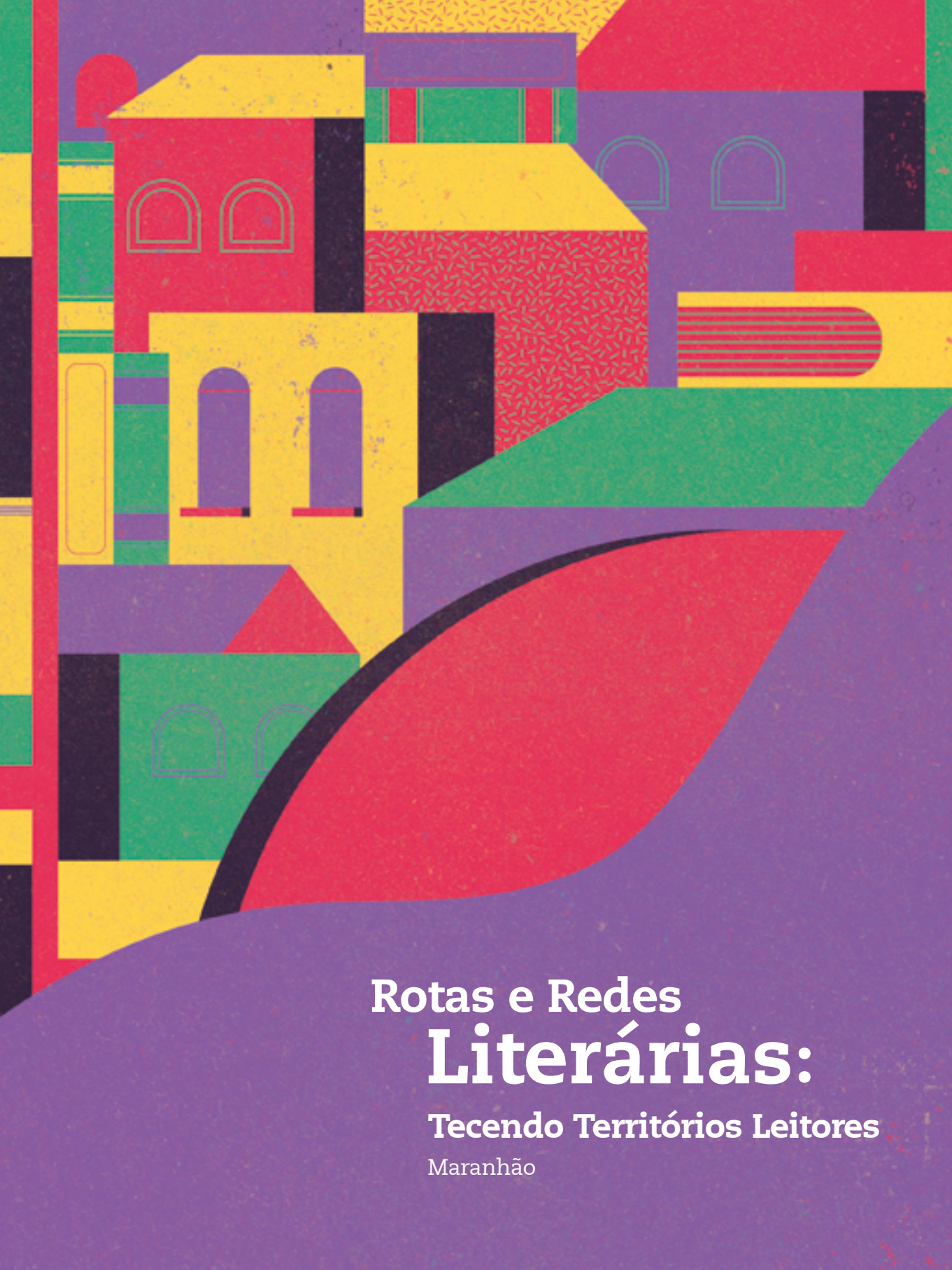


Rotas e Redes Literárias:

Tecendo Territórios Leitores

Maranhão

Rotas e Redes Literárias:

Tecendo Territórios Leitores

Maranhão

ISBN: 978-65-992230-1-3

Ficha técnica

Esta publicação é fruto do projeto Rotas e Redes Literárias, uma iniciativa da Fundação Vale em parceria com a Cidade Escola Aprendiz, e a Secretaria de Estado da Educação do Governo do Maranhão.

FUNDAÇÃO VALE

www.fundacaovale.org

Presidência do Conselho de Curadores
Luiz Eduardo Osorio

Presidência
Hugo Barreto

Diretoria Executiva
Flávia Constant
Pâmella De-Cnop

Equipe
Marcus Finco
Cláudia Lopes

CIDADE ESCOLA APRENDIZ

DIREÇÃO EXECUTIVA
Natacha Costa

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAS
Raiana Ribeiro

GESTÃO DE PROGRAMA de Referências em Educação Integral
Fernando Mendes

GESTÃO DE PROJETOS
Veridiana Negrini

ASSISTÊNCIA AO PROGRAMA
Jéssica Kibrit

FORMADORES
Rodrigo Mindlin Loeb
Volnei Canônica
Cida Fernandez
Érica Verçosa

PUBLICAÇÃO

COORDENAÇÃO DA PUBLICAÇÃO
Julia Dietrich
Raiana Ribeiro
Veridiana Negrini

REDAÇÃO
Julia Dietrich

REVISÃO E EDIÇÃO
Fernanda Portela, Julia Dietrich e Raiana Ribeiro

PROJETO GRÁFICO
Gláucia Cavalcante e Willy Horizonte

DIAGRAMAÇÃO
Vinicius Correa

ILUSTRAÇÃO
Willy Horizonte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rotas e redes literárias : tecendo territórios leitores [livro eletrônico] : Maranhão / coordenação Julia Dietrich, Raiana Ribeiro, Veridiana Negrini ; ilustração Willy Horizonte. -- São Paulo : Associação Cidade Escola Aprendiz, 2022.
PDF.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-992230-1-3

1. Leitores - Formação 2. Leitura 3. Leitura - Aspectos sociais 4. Leitura - Direito - Brasil I. Dietrich, Julia. II. Ribeiro, Raiana. III. Negrini, Veridiana. IV. Horizonte, Willy.

22-114984 CDD-418.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Leitura 418.4

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

10 Introdução

40 **Uma história a muitas mãos:** a estrutura colaborativa do projeto Rotas e Redes

60 **Derrubar os muros, romper com as barreiras:** repensando a ambiência das salas de leitura

82 **Valorizar a diversidade em todos os sentidos:** a construção de um acervo com a cara da juventude

114 **Educação Integral e encantamento no território leitor:** práticas mobilizadoras da sala de leitura

148 **Compartilhando saberes e experiências:** a gestão colaborativa das salas de leitura na escola

Fundação Vale

A leitura no país ainda está profundamente associada à escolaridade, à renda e ao contexto socioeconômico no qual os indivíduos estão inseridos, o que aponta para um desafio sistêmico que se reflete na questão do direito à leitura

Sob esse paradigma, as bibliotecas e salas de leitura assumem um papel fundamental nos territórios, catalisando a promoção da leitura e da cultura. Longe de serem apenas locais para empréstimo de livros, elas são encaradas como espaços de convivência comunitários, cuja tarefa central é assegurar o direito à literatura, à escrita, mas também à memória e cultura produzidos localmente.

Os projetos da Fundação Vale são desenvolvidos com foco na garantia de direitos, com olhar especial para crianças e adolescentes, promovendo a educação de qualidade, a valorização e a formação continuada de gestores escolares e professores.

O Programa Rotas e Redes Literárias promove o livro e a leitura na rede pública de ensino, por meio da ampliação do acesso à literatura, aprimoramento dos espaços de leitura das escolas e integração da leitura literária às atividades curriculares.

A Fundação apoia o fortalecimento das Política Pública com incremento de práticas que disseminam a promoção do livro, da leitura e da literatura, com a doação do acervo literário e através das formações qualificando as atividades

dos professores e ainda ampliando a capacidade leitora dos estudantes com a proposta da democratização do acesso ao livro; na formação de mediadores para o incentivo à leitura; na valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico e no desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional.

A proposta desse programa é a disseminação das práticas aplicadas com a possibilidade de construirmos um território/município leitor fomentando a promoção de livro, da leitura e da literatura.

Seduc

A Secretaria de Estado da Educação (Seduc), por meio da revitalização e implantação de Salas de Leitura e Bibliotecas Escolares, busca promover o direito à leitura e ampliar o acesso aos livros, garantindo que estes espaços sejam centros de recursos educativos, integrados ao processo de ensino e aprendizagem das escolas maranhenses.

Como espaço de criação - onde estão disponíveis recursos para pesquisas e produção de conhecimento - é fundamental que as Salas de Leitura e Bibliotecas Escolares tenham profissionais capacitados para exercer, com máxima potencialidade, esta função. Nesse sentido, a Seduc vem investindo na capacitação das equipes escolares, incentivando-as a fortalecerem esse capital cultural que se forma e se estrutura nas e a partir das Salas de Leitura.

É nesse contexto que, em 2019, a Seduc firma uma parceria com a Fundação Vale e a Associação Cidade Escola Aprendiz, por meio do Centro de Referências em Educação Integral, para implementação do projeto Rotas e Redes Literárias. Desenhado para atuar com 11 escolas de Ensino Médio da rede e um Farol do Saber, a iniciativa apresenta campos de atuação consonantes com as políticas e estratégias que vinham sendo desenvolvidas na rede, oportunizando a participação de estudantes, professores (as), gestores (as) e equipe técnica da secretaria.

As escolas envolvidas no projeto passaram por revitalizações nas estruturas físicas dos espaços, bem como adequações e ins-

talações de equipamentos tecnológicos que facilitam o acesso e a ampliação do atendimento já ofertado. Ao todo, 6042 livros literários foram adquiridos a partir de critérios de constituição de acervo definidos pelas próprias comunidades escolares.

Além disso, a dinâmica do trabalho entre os parceiros buscou superar as dificuldades impostas pelo trabalho remoto, especialmente no cenário de pandemia, adequando-se às necessidades formativas de cada etapa, de cada escola e de cada realidade territorial. Pautada pelo diálogo e compreensão de cada contexto, a iniciativa fomentou que os integrantes das comissões pudessem atuar como multiplicadores dos processos formativos, transbordando o universo da biblioteca para além de seu espaço físico.

O sucesso do Rotas e Rotas Literárias deve-se, sobretudo, ao empenho e dedicação de cada integrante da C.E.M. Cidade do Arari, C.E. Leão Santos, C.E. João Batista de Carvalho, C.E. Monsenhor Dourado, C.E. Juanete Licar, C.E. Monsenhor Luís Alves Madureira sede e anexo, C.E. Cruzeiro do Sul, C.E. Anjo da Guarda, C.E. Vila Maranhão, C.E. Renato Archer e o Farol do Saber do município de Arari, a quem agradecemos profundamente pela participação e protagonismo.

Aos parceiros envolvidos, reafirmamos o compromisso da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão com uma atuação integrada que contribua para assegurar o direito a uma educação de qualidade para todos e todas.

Secretaria de Estado da Educação
Governo do Maranhão

Cidade Escola Aprendiz

Fundada em 1997, a Cidade Escola Aprendiz é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que há 25 anos contribui para o desenvolvimento dos sujeitos e suas comunidades por meio da promoção de experiências e políticas públicas orientadas por uma perspectiva integral da educação.

Estruturada em programas que atuam em diversos municípios brasileiros, a instituição é responsável por criar conteúdos metodológicos, disseminar experiências, realizar formações para gestores (as) públicos (as), educadores (as) e lideranças sociais, além de contribuir para a modelagem e implementação de políticas públicas de educação e direitos humanos.

Desde 2018, a convite da Fundação Vale, o Centro de Referências em Educação Integral - iniciativa do Aprendiz em parceria com organizações de todo o Brasil - lançou-se ao desafio de coordenar o projeto Rotas e Redes Literárias no estado do Maranhão, orientando suas estratégias para a promoção do direito à leitura e literatura à luz das concepções de Educação Integral e Território Educativo .

Nesta trajetória, nos comprometemos com a escuta e participação ativa dos e das estudantes, buscando apoiar a mobilização e o engajamento das comunidades escolares em processos de reflexão e cocriação de suas Salas de Leitura. Ao longo de quase três anos, testemunhamos dúvidas, obstáculos e incertezas converterem-se em sonhos, desejos

e propostas que almejavam transformar não apenas um espaço, mas a escola como um todo.

Esta publicação narra o caminho trilhado por essas escolas a partir de textos, imagens, relatos, poemas e fragmentos literários. Mais do que uma memória viva para os (as) envolvidos (as), esperamos que ela possa inspirar territórios de todo o país a se fortalecerem como comunidades leitoras.

Boa leitura!

Centro de Referências em Educação Integral
Cidade Escola Aprendiz

Introdução

Ampliar o acesso de qualidade ao livro e à leitura é um dos grandes objetivos de sociedades comprometidas com o pleno desenvolvimento das pessoas. Mais do que o acesso às palavras, a leitura diz do direito à vida com dignidade. É a leitura do mundo que permite às pessoas viver, com acesso à produção intelectual e cultural, a preservar e aprender com a sua própria história e memórias coletivas e a compreender a si próprio, ao outro e ao planeta, valorizando a diversidade e a riqueza da experiência humana.

A leitura tem uma dimensão social inegável e fundamental para um mundo em constante transformação e com desafios culturais, sociais, econômicos, políticos e ambientais complexos e de grandes proporções. Isso exige que as pessoas tenham consciência do tempo e espaço em que vivem, e compreendam uma gama de informações que as ajudem a construir novos sentidos e possibilidades de ação.

Como apresenta a pesquisadora Eliana Yunes, da Cátedra UNESCO de Leitura da PUC-Rio:

> *A questão passa efetivamente pela formação do sujeito leitor, leitor não apenas de livros, mas leitor de imagens, leitor de várias linguagens, (...) de fato compromissado com seu olhar crítico na discussão dos caminhos que a sociedade precisa tomar para alcançar um equilíbrio entre a produção, o lazer, o bem-estar e a criatividade, entre ética, estética e funcionalidade.*

Ler, então, não é apenas decodificar mecanicamente informações. Diz da capacidade de acessar sinais, compreendê-los e relacioná-los com as muitas interpretações sobre um determinado tema, em um determinado contexto, a partir de uma postura ativa do sujeito que lê. Ao ler, cada pessoa cria novas informações, que derivam de interpretações, sentimentos, desejos e da relevância que ela mesma dá àquele conteúdo.

Para além dos livros, a palavra vive nos poemas, cantos e cantigas das diferentes manifestações culturais de Norte a Sul do país, como nas múltiplas versões do Auto de Boi maranhense, no Boi de Mamão catarinense, nos cordéis nordestinos, na Marujada do Pará, no Reisado que acontece em muitas cidades, na Cavalhada em Goiás e em tantas outras. Festas e celebrações religiosas também compõem o conjunto de manifestações culturais tradicionais e que evocam literatura, mesmo sem ter palavras escritas. Cada manifestação traz consigo um vasto repertório de imagens,

personagens e enredos, que passam oralmente de geração a geração, ganhando novos elementos e contornos de acordo com quem narra e organiza o festejo.

"Sem política pública de leitura inclusiva e democrática haverá retrocessos civilizatórios."

José Castilho Marques Neto, filósofo e professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp)[1]

Muito se fala sobre a importância dessa ideia ampliada de leitura, da escrita e do hábito de ler, e é consenso a visão global destes como direito de todos, fundamental para o século XXI, que inaugurou a chamada Sociedade do Conhecimento. Contudo, ler e escrever não são habilidades inatas. Elas precisam ser aprendidas e desenvolvidas ao longo da vida, em diferentes espaços, com o apoio de diversos agentes e a partir de políticas públicas e iniciativas da sociedade que não apenas fortaleçam a concepção do prazer em ler, mas reafirmem a própria perspectiva cidadã da leitura e da escrita.

1 Fala proferida no encontro virtual Retratos da Leitura – O comportamento leitor dos brasileiros, realizado em 12 de janeiro de 2021 pelo Itaú Cultural e Instituto Pró-Livro. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=_N50XDhL-zI&t=4756s

Trecho de obra

Mimo da Fazenda

Fui chegando à porteira
Encontrei Nego Xico na boiada
E tentava laçar o novilho mimado do patrão

Meio desesperada Catirinha gritou:
Negro Xico, quero a língua desse boi
Mas Catirina, essa língua tiro não
É cria da fazenda, promessa pra São João

Laê, vaqueiro cadê meu boi?
Não tá mais lá no curral?
Patrão Xico roubou, sua língua arrancou

Iê sô, cadê meu boi?
Iê sô, cadê meu boi?

Paulinho JR/Fernandinho[2]

2 SILVA FILHO, Marcelo Nicomedes; PINTO, Danielle Carvalho; CALDAS, Delcimara Batista. O auto do Bumba-meu-boi: cultura popular como instrumento de alfabetização. Revista de Ciências da Educação (2013).

A leitura em números

Embora as taxas de analfabetismo tenham reduzido nos últimos 30 anos, o Brasil permanece como um país de não-leitores. Segundo a 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro e pelo Itaú Cultural, quase metade da população não leu nenhum livro inteiro ou parte dele em três meses e o percentual dos que leram nesse período diminuiu de 56 para 52%, entre 2015 e 2019. Quando consideramos a leitura de livros inteiros em um período de três meses, o percentual de leitores em 2019 é de apenas 31%. Entre os livros mais lidos, a Bíblia segue como o principal, indicando que **o total de leitores de literatura no país é ainda menor**. E apenas 38% dos leitores de literatura leem por prazer.

Lendo os números

Informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018 indicam que, no Brasil, 11,3 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade são analfabetas. Paralelamente, dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) apontam uma discreta melhora nos índices de alfabetismo proficiente, mas piora no percentual de analfabetismo entre 2001 e 2018.

Ao mesmo tempo, avaliações em escala nacionais e internacionais indicam que, embora tenha melhorado na capacidade de interpretação de textos e escrita das crianças e jovens, o Brasil ainda segue com grandes dificuldades e figurando com índices piores que outros países em desenvolvimento.

Tabela 1 - Níveis de alfabetismo no Brasil conforme o Inaf (2001-2018)

Nível	2001 2002	2002 2003	2003 2004	2004 2005	2007	2009	2011	2015	2018
BASE	2000	2000	2001	2002	2002	2002	2002	2002	2002
Analfabeto	12%	13%	12%	11%	9%	7%	6%	4%	8%
Rudimentar	27%	26%	26%	26%	25%	20%	21%	23%	22%
Elementar	28%	29%	30%	31%	32%	35%	37%	42%	34%
Intermediário	20%	21%	21%	21%	21%	27%	25%	23%	25%
Proficiente	12%	12%	12%	12%	13%	11%	11%	8%	12%
Total[2]	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Analfabeto Funcional*	39%	39%	37%	37%	34%	27%	27%	27%	29%
Funcionalmente Alfabetizado*	61%	61%	63%	63%	66%	73%	73%	73%	71%

Fonte: Tabela adaptada do Inaf (2001-2018).

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* também indicou que houve queda no percentual de leitores em todas as faixas etárias de 2015 para 2019, à exceção da faixa das crianças entre 5 e 10 anos de idade, que, ao contrário, passou a ler mais. No Ensino Médio, a queda do percentual de leitores foi bastante expressiva: enquanto 62% tinham lido algum livro ou parte dele no período de três meses no ano de 2015, apenas 55% fizeram o mesmo em 2019.

Os dados revelaram ainda que o acesso ao livro e à leitura

também reflete as múltiplas desigualdades do país: raça, classe social e escolaridade influenciam diretamente a questão. Pessoas mais pobres, com menor escolaridade e negros têm significativamente bem menos acesso ao livro que os brancos, os mais ricos, e aqueles com mais estudo.

Lendo os números: de olho no Maranhão

59%

dos nascidos em São Luís leram pelo menos um livro ou trecho dele nos últimos três meses, média superior à nacional. Contudo, 69% afirmaram não frequentar bibliotecas;

51%

daqueles que não leram nada nos últimos três meses indicam não ter tempo de ler;

59%

têm algum tipo de dificuldade para ler (de limitações físicas à falta de paciência e dificuldade de compreensão do que lê).

Dados da 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019), do Itaú Cultura, Instituto Pró-Livro e Ibope Inteligência, publicada em 2020.

Além da competição com as redes sociais e navegação na internet, o livro tem perdido espaço nas políticas públicas, especialmente nos últimos anos, com reflexos imediatos nos fenômenos observados na edição de 2019 da pesquisa *Retratos da Leitura*. Mesmo com a aprovação da Lei nº 13.696/2018, que instituiu a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), a promoção da leitura e acesso aos livros têm sido drasticamente escanteada pela falta de investimento e valorização da sua importância por parte significativa do Estado.

Olá! Eu sou Janaína,
mediadora de leitura de uma biblioteca comunitária aqui em Chapadinha, interior do nosso lindo Maranhão! Dedico a minha vida à promoção da leitura, e vou estar com vocês nesta trajetória, apresentando discussões que acredito serem pertinentes para refletirmos juntas e juntos!

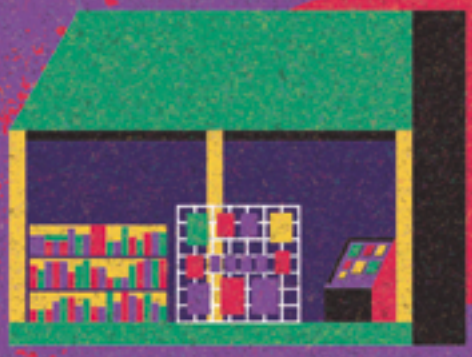
A Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) apresenta a leitura e a escrita como direitos da cidadã e do cidadão para assegurar o exercício pleno da cidadania, de viver com dignidade e para que cada uma e um possa contribuir com uma sociedade mais justa para todas e todos.

A PNLE apresenta um conjunto de estratégias, que deve ser observado pelo Estado e sociedade de forma permanente, suprapartidária e supragovernamental para que estes direitos se realizem. Vamos ver!

É preciso democratizar o acesso ao livro nos seus mais diferentes formatos, em diversos espaços e de forma acessível e inclusiva.
A PNLE também propõe:

1 Apoiar a formação de agentes da cultura e educação, em espaços públicos e comunitários para qualificar e fortalecer atividades de mediação de leitura.

2 Valorizar a leitura por meio de atividades de difusão cultural, como premiações e campanhas.



3 Incentivo ao mercado editorial, à publicação de livros e composição diversificada de acervos.

4 Fortalecer a troca de conhecimento e produção literária em diferentes espaços, mobilizando escritores e pesquisadores.

5 Fortalecer as bibliotecas de acesso público, dispondo de recursos para, por exemplo, qualificação dos acervos e equipes, realização de atividades, digitalização e disponibilização digital de livros e materiais de leitura.

6 Incentivar a pesquisa e o estudo sobre livros, leitura, escrita e bibliotecas, de forma a dar subsídios para a formulação de políticas públicas do setor.

7 Apoiar a formação profissional contínua e sistemática das cadeias produtivas do livro e da leitura.

8 Incentivar que estados, distrito e municípios desenvolvam seus próprios planos locais de promoção e valorização do livro e da leitura.

9 Fortalecer ações educativas e culturais focadas no desenvolvimento de competências de interpretação e produção textual, ampliando assim a capacidade cultural e de compreensão leitora da população.

Para que essas estratégias ganhem dimensões e metas concretas, a política propõe ainda que a cada dez anos seja elaborado um novo Plano Nacional do Livro e Leitura!

E, como você, minha cara amiga leitora, caro amigo leitor, vê o papel da escola na concretização dessa política?

Gosto dos algarismos, porque não são de meias medidas nem de metáforas. Eles dizem as coisas pelo seu nome, às vezes um nome feio, mas não havendo outro, não o escolhem. São sinceros, francos, ingênuos. As letras fizeram-se para frases: o algarismo não tem frases, nem retórica.

Assim, por exemplo, um homem, o leitor ou eu, querendo falar do nosso país dirá:

– Quando uma constituição livre pôs nas mãos de um povo o seu destino, força é que este povo caminhe para o futuro com as bandeiras do progresso desfraldadas. A soberania nacional reside nas Câmaras; as Câmaras são a representação nacional. A opinião pública deste país é o magistrado último, o supremo tribunal dos homens e das coisas. Peço à nação que decida entre mim e o Sr. Fidélis Teles de Meireles Queles; ela possui nas mãos o direito a todos superior a todos os direitos.

A isto responderá o algarismo com a maior simplicidade:

– A nação não sabe ler. Há 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não leem[3] letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. Não saber ler é ignorar o Sr. Meireles Queles: é não saber o que ele vale, o que ele pensa, o que ele quer; nem se realmente pode querer ou pensar. 70% dos cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber por que nem o quê. Votam como vão à festa da Penha, – por divertimento. A constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado.

Replico eu:

– Mas, Sr. Algarismo, creio que as instituições...

– As instituições existem, mas por e para 30% dos cidadãos. Proponho uma reforma no estilo político. Não se deve dizer: "consultar a nação, representantes da nação, os poderes da nação"; mas – "consultar os 30%, representantes dos 30%, poderes dos 30%". A opinião pública é uma metáfora sem base: há só a opinião dos 30%. Um deputado que disser na Câmara: "Sr. Presidente, falo deste modo porque os 30% nos ouvem..." dirá uma coisa extremamente sensata.

E eu não sei que se possa dizer ao algarismo, se ele falar desse modo, porque nós não temos base segura para os nossos discursos, e ele tem o recenseamento.

3 Grafia da palavra corrigida para a norma ortográfica atual. Na redação original do texto, a grafia da palavra era ˜lêem˜.

Machado de Assis[4]

15 de agosto de 1876

4 ASSIS, Machado. Analfabetismo. In: Crônicas Escolhidas. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994.

Trecho de obra

Quando olhamos apenas para as crianças e jovens, os dados nos dão pistas sobre as dificuldades da nossa sociedade se tornar de fato leitora. De longe, as crianças entre 5 e 10 anos são as que mais indicam prazer em ler (48%), porém, conforme crescem, o percentual das que leem por prazer diminui sensivelmente.

% do total de leitores por resposta de acordo com faixa etária

	% total	5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	60 ou mais
Gosto	26	48	33	24	17	22	22	23	25	10
Crescimento pessoal	17	6	11	13	21	22	21	25	14	9
Distração	14	11	15	22	17	11	12	9	13	17
Exigência escolar ou da faculdade	4	12	11	10	5	4	1	1	1	0

Fonte: Itaú Cultural, Instituto Pró-Livro, Ibope Inteligência. Retratos da Leitura no Brasil - 5ª edição, 2020. Informações selecionadas.

Essa e outras pesquisas indicam que, à medida que o processo de escolarização avança, gradativamente diminui-se o gosto pela leitura ou o espaço para a leitura e a escrita como prazer e lazer. Especialistas argumentam que o problema é multifatorial, mas a falta e baixa qualificação das bibliotecas escolares e salas de leitura, a ainda pequena presença de professores(as) e bibliotecários(as) leitores(as) e o distanciamento entre o cânone escolar e o que as crianças e jovens gostam de ler são algumas das questões identificadas com frequência.

De acordo com a professora Idméa Semeghini-Siqueira, pesquisadora da Faculdade de Educação da USP[5], é fundamental que o processo de escolarização conecte as crianças aos livros desde muito pequenas, suprindo, inclusive, o papel da família que, por muitas razões, não tem acesso ou não promove a leitura em casa. Essa exposição inicial – também chamada de letramento emergente –, segundo ela, é chave para a formação de leitores futuros.

Leia para conhecer: Letramento emergente

O conceito de letramento emergente responde à ideia de que a aquisição da leitura e escrita é gradual, respondendo ao ritmo e tempos de cada criança e a cada fase da vida. Idealmente, o processo de letramento com intencionalidade educativa se inicia desde o início da infância e se estende até o final das etapas da educação; desde as habilidades anteriores à leitura de palavras até o desenvolvimento das competências formais da escrita e da leitura de textos complexos.

5 Fala proferida no encontro virtual *Retratos da Leitura – O comportamento leitor dos brasileiros*, realizado em 12 de janeiro de 2021 pelo Itaú Cultural e Instituto Pró-Livro. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=_N50XDhL-zI&t=4756s

Escola: território leitor

Nesse cenário, que segue bastante preocupante, a escola, então, ocupa uma posição central. Para além do investimento em bibliotecas e espaços de leitura, cabe às políticas de cultura e educação responder a dois grandes desafios simultâneos e igualmente importantes e complexos: garantir que os estudantes tenham acesso aos livros, nas suas mais diferentes formas e suportes, e engajá-los a fazer parte de uma comunidade leitora.

Na perspectiva da Educação Integral, que compreende que o processo educativo tem como objetivo o pleno desenvolvimento dos sujeitos, atentando para suas múltiplas dimensões –intelectual, física, emocional, social e cultural –, as práticas de leitura em contexto escolar configuram-se como uma oportunidade para qualificar tanto o ambiente quanto as atividades educativas nele realizadas, sempre sob uma perspectiva **equitativa, inclusiva, sustentável e contemporânea**.

Leia para conhecer: Os princípios da Educação Integral

Equidade - reconhecimento do direito de todos e todas de aprender e acessar oportunidades educativas diversificadas, a partir da interação com múltiplas linguagens, recursos, espaços, saberes e agentes.

Inclusão - reconhecimento da singularidade e diversidade dos sujeitos, a partir da construção de projetos educativos pertinentes para todos e todas.

Sustentabilidade - compromisso com processos educativos contextualizados e com a interação permanente entre o que se aprende e se pratica.

Contemporaneidade - compromisso com as demandas do século XXI, com foco na formação de sujeitos críticos, autônomos e responsáveis consigo mesmos e com o mundo.

Saiba mais em: educacaointegral.org.br

Ao mesmo tempo, a Educação Integral compreende que a educação não é uma tarefa isolada da escola, e que esta não apenas melhor atende os estudantes quando em diálogo com seu território, como qualifica e fortalece suas práticas pedagógicas ao ampliar a gama de interações ofertadas à sua comunidade.

Para responder aos desafios relacionados à promoção da leitura e escrita no ambiente escolar, **a Educação Integral convoca o estudante para o centro do processo formativo**. Ou seja, é a partir de cada sujeito, das suas singularidades e diversidades que se estruturam as respostas educativas. No lugar de ações muitas vezes homogeneizantes, abre-se espaço para o diálogo, a criatividade, a construção coletiva de conhecimentos, participação e coesão social.

Assim, a escola é convidada a repensar suas práticas e seus espaços leitores a partir e em diálogo com seus estudantes, comunidade e território, influenciando diretamente na am-

biência dos espaços, na escolha, organização e manutenção do acervo de leitura, e nas atividades a serem realizadas.

Sob esse paradigma, as bibliotecas e salas de leitura ganham um novo papel na escola e no território, oportunizando a promoção da leitura e da cultura a partir dos interesses genuínos da comunidade. Longe de serem apenas locais para empréstimo de livros, elas são repensadas como espaços de convivência comunitária, produção de conhecimento, acesso à informação e, portanto, exercício de cidadania e formação para toda a vida.

Juventudes leitoras

Essencial para todas as etapas escolares, o debate faz-se ainda mais necessário nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio do país, em que há crescente evasão e abandono escolar e reconhecidos desestímulo e falta de interesse dos adolescentes e jovens pela escola.

Compreendendo que ações necessárias para fomentar o engajamento com a literatura na infância foram insuficientes, é urgente investir em iniciativas que deem espaço e escuta para as demandas dos jovens e sejam de fato cocriadas por eles e pela equipe escolar. Vale lembrar, ao mesmo tempo, que **não existe uma visão estanque de adolescência ou juventude**. Ao contrário, as adolescências e juventudes são múltiplas e plurais, marcadas também pelas diversidades sociais, étnico-raciais, de gênero e sexualidade, que atravessam a sociedade como um todo.

Trecho de obra

"Os jovens não podem saber como pensam nem como se sentem os idosos, mas nós, idosos, temos culpa se esquecemos o que significa ser jovem."

Harry Potter e a Ordem da Fenix,
J.K. Rowling (2003)

Lendo os números: de olho no Maranhão

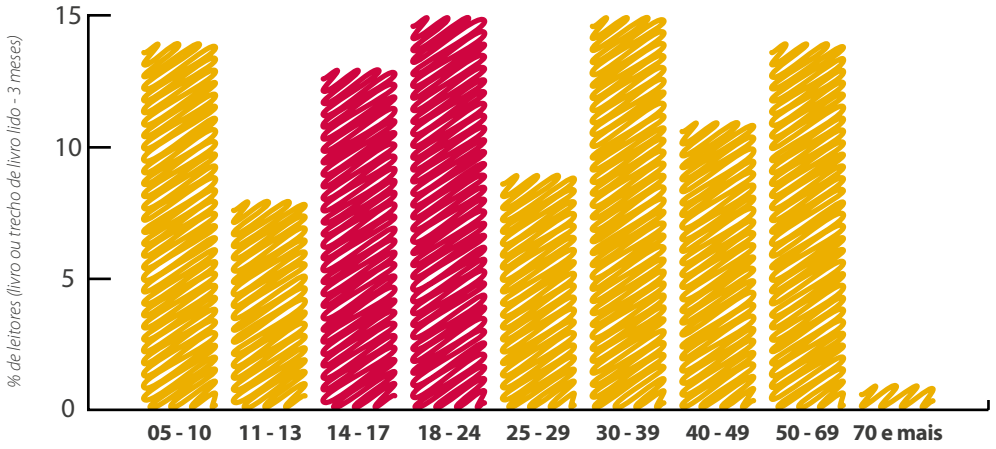
O Maranhão avançou bastante nas matrículas da juventude no Ensino Médio, chegando a quase **64%** dos jovens matriculados em 2018, segundo dados do Anuário Brasileiro da Educação Básica. Paralelamente, a taxa de jovens com 19 anos ou mais que concluíram a etapa chegou a **52%**, com um aumento de quase 7 pontos percentuais em quatro anos. Porém, dados da Prova Brasil de 2019 indicam que apenas **18%** dos estudantes do 3º ano do Ensino Médio aprenderam o adequado em Língua Portuguesa na competência de leitura e interpretação de textos, enquanto **33%** aprenderam o básico e **49%** demonstraram quase nenhum aprendizado.

Embora a escola tenha um papel único – de apresentar a história da literatura e o cânone literário –, é preciso, antes, aproximar o estudante do mundo dos livros. Contudo, essa aproximação é complexa e envolve múltiplos fatores que afetam o cotidiano escolar e exigem respostas criativas e inovadoras da comunidade.

Para começar, é preciso desmistificar a ideia de que "os jovens não leem nada". Essa afirmação não é exatamente verdade. Conforme apresentado na última edição da pesquisa *Retratos da Literatura do Brasil* e em outros estudos sobre o tema, os jovens leem em média a mesma quantidade de livros que os adultos, o que, como discutido anteriormente, é bastante baixo.

Ao mesmo tempo, *best-sellers* como Harry Potter, Os Instrumentos Mortais, O Senhor dos Anéis, A Saga Crepúsculo,

Leitor de livros de literatura por faixa etária



vários livros da Thalita Rebouças e John Green e muitas Histórias em Quadrinhos (HQ) foram todos fenômenos editoriais que mobilizaram centenas de milhares de jovens ao redor do planeta. Embora obras como essas possam despertar o interesse dos jovens pelos livros, estes não necessariamente formam uma comunidade leitora crítica e ativa na transformação social que tanto se deseja. **Cabe ao educador, então, construir a ponte entre aquilo que eles desejam ler e aquilo que é necessário para a formação desses sujeitos**.

Para tanto, é preciso entender que os *best-sellers* focados no público jovem, em geral, provêm uma narrativa rápida, com muitos diálogos diretos, cenas bastante recortadas e uma estrutura melodramática tradicional (o mocinho, a heroína, o vilão), que lembram o roteiro de um filme. Não à toa, muitos

desses livros se converteram em sucessos do cinema. Do outro lado, os clássicos ou mesmo alguns representantes da literatura contemporânea que deveriam ser lidos na escola desafiam os leitores, ora pelo enredo menos direto e mais complexo, ora pela própria estrutura narrativa. Ou ainda pelo tempo histórico em que foram produzidos, muitas vezes distante do mundo atual.

Segundo Gabriela Rodella[6,7] especialista no tema, ao não abrir espaço para essa literatura que os jovens leem ou gostariam de ler, perde-se a chance de **estruturar as bases para uma comunidade leitora**. Em paralelo, comete-se o equívoco de **escolarizar a literatura**, compreendendo-a exclusivamente como um conteúdo a ser ensinado de forma específica e com uma interpretação pré-determinada ou estipulada como "a ideal". Para a pesquisadora, o caminho deveria ser outro, **ocupando a sala de aula com o texto literário**: é preciso **ler junto com os jovens**, escutando-os e permitindo que várias interpretações sobre aquilo que foi lido coletivamente venham à tona.

Esse é o ponto de partida para a construção de uma comunidade leitora, de acordo com Gabriela. Uma comunidade que se estrutura a partir das pessoas e das muitas interpretações que elas criam com base no texto literário, refletindo o tempo histórico dos sujeitos, o território e as culturas locais.

6 Fala proferida em entrevista ao Centro de Referências em Educação Integral. A *educação integral e o ensino de literatura*. 27 de agosto de 2014. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=V52FgE7RJ5Q&t=341s

7 OLIVEIRA, Gabriela Rodella. *As práticas de leitura literária de adolescentes e a escola: tensões e influências*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). São Paulo, p.377. 2014. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-31012014-121057/pt-br.php

“A literatura de *best-sellers* é importante para os meninos, mas ela não está em nenhum momento dentro da escola e isso é um problema! É discutindo o que eles gostam, porque eles gostam de determinadas histórias e quais seus interesses sobre as temáticas destes livros que conseguimos estabelecer passagens com algumas obras do cânone escolar, que são sim muito importantes de serem lidas, fazendo, inclusive, a leitura do cânone com eles, dentro da sala de aula. E não será ignorando o que eles leem que conseguiremos construir isso.”

Gabriela Rodella, professora adjunta da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e coordenadora institucional do Programa de Residência Pedagógica (Capes) da UFSB.

Ao mesmo tempo, é preciso que educadores invistam em ler o que os jovens leem, estabelecendo as conexões com o cânone e ampliando sua percepção sobre a própria literatura e seus estudantes.

Muitos gêneros observados como menores ou menos importantes podem ser surpreendentes e têm o potencial de ampliar a formação das comunidades leitoras e fortalecer o desenvolvimento integral dos sujeitos. Um exemplo interessante são os quadrinhos ou novelas gráficas. Eles não necessariamente se encaixam como literatura, mas são uma forma de arte que, com uma linguagem própria, enunciam e evocam sentimentos, percepções e discussões tanto quanto os livros. Cordéis e manifestações culturais e religiosas orais, *raps*, *slams* e rinhas de MCs, jornais e revistas também são suportes pouco utilizados pelas escolas e, quando presentes, tendem a ser associados a exercícios ou provas de gramática ou servem para ilustrar algum conteúdo escolar. Esses vários textos e suas diferentes linguagens devem ocupar as escolas para a leitura e discussões coletivas.

Leia e descubra!

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) apresenta a necessidade de o currículo trabalhar e operar com múltiplas linguagens, com foco tanto na ampliação de repertório dos estudantes quanto no estímulo à produção autoral deles.

Trecho de obra

Aos olhos de uma criança (O Menino e o Mundo)

Menino, mundo, mundo, menino
Menino, mundo, mundo, menino
Menino, mundo, mundo, menino
Menino, mundo, mundo, menino

(...)

É o mundo nas costas e a dor nas custas
Trilhas opostas, la plata ofusca
Fumaça, buzinas e a busca
Faíscas na fogueira bem de rua, chamusca

Sono tipo slow blow, onde vou, vou
Leio vou, vô, e até esqueço quem sou, sou
Calçada, barracos e o bonde
A voz ecoa sós mas ninguém responde

Miséria soa como pilhéria
Pra quem tem a barriga cheia, piada séria
Fadiga pra nóis, pra eles férias
Morre a esperança
E tudo isso aos olhos de uma criança

(...)

Emicida e Renan Samam

A Sala de Leitura como espaço vivo de conhecimento

E não é apenas a sala de aula que deve ser preenchida de leitura. É preciso avançar na concepção de uma **ambiência escolar**, capaz de forjar espaços destinados às múltiplas formas de leitura, compartilhada e individual, silenciosa e declamada. Afinal, para uma comunidade leitora, **ler faz parte do cotidiano**. **Da presença dos livros em diversos ambientes da escola** aos famosos **"cantinhos de leitura"**, cada vez mais presentes na Educação Infantil, passando pelas bibliotecas escolares e salas de leitura, é fundamental que a escola desenvolva diferentes estratégias que assegurem o acesso ao livro.

É nesse contexto que a Sala de Leitura constitui-se como espaço privilegiado, uma vez que no imaginário coletivo pode ser um espaço de acolhimento e promoção da leitura. Conectada à sala de aula e ao território, ela é capaz de potencializar o currículo escolar e dialogar com as demandas da comunidade, apoiando a escola a consolidar-se como centro de produção de **conhecimento local**.

Contudo, nem sempre a Sala de Leitura opera dessa forma: é comum encontrá-la fechada com cadeado ou sendo utilizada para depósito de materiais. Há casos ainda em que opera como local de castigo, para onde são enviados

Trecho de obra

“A biblioteca escolar promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios.

(...)

Os serviços das bibliotecas escolares devem ser oferecidos igualmente a todos os membros da comunidade escolar, a despeito de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e *status* profissional e social. Serviços e materiais específicos devem ser disponibilizados a pessoas não aptas ao uso dos materiais comuns da biblioteca.

O acesso às coleções e aos serviços deve orientar-se nos preceitos da Declaração Universal de Direitos e Liberdade do Homem, das Nações Unidas, e não deve estar sujeito a qualquer forma de censura ideológica, política, religiosa, ou a pressões comerciais.

(...)

A biblioteca escolar é parte integral do processo educativo. (...)”

Fonte: Manifesto da Biblioteca Escolar, Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Bibliotecas (IFLA) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 1999.

estudantes considerados "indisciplinados". Abandonados, esses espaços vão perdendo paulatinamente importância no cotidiano escolar, esvaziando-se de sentido, enquanto são preenchidos de mofo, teias de aranha e pó.

Segundo o *Estudo de Oportunidades Sociais*, com base no Programa Internacional de Avaliação de Alunos – PISA (OECD), no ano 2000, cerca de 75% dos estudantes afirmavam gostar de frequentar livrarias ou bibliotecas. Em 2009, esse percentual ficou inferior a 60%. Embora não tão altos, os números são fortuitamente maiores que muitos países desenvolvidos, revelando que há possível abertura e interesse dos jovens a ocupar esse tipo de espaço.

Compreendendo que, em muitas comunidades brasileiras, a escola pública é o único equipamento presente no território, a Sala de Leitura adquire dupla função: a de mobilizar os estudantes à leitura, permitindo aos professores e equipe escolar a construção de práticas pedagógicas significativas e engajadoras; e a de atender a comunidade local, operando como biblioteca do território.

Na perspectiva da Educação Integral, esses são pontos-chave não apenas para melhorar os indicadores de leitura e escrita no país, mas para **fortalecer a escola como um bem público, de todos(as) e para todos(as)**. Essa conexão da escola com o território permite a estruturação de comunidades leitoras ativas, capazes de reconhecer e

valorizar as culturas e produções intelectuais locais em um projeto comum, de fato pertinente ao território e suas necessidades.

Para ler mais!

Entenda mais sobre a importância do território e da comunidade para o desenvolvimento integral dos sujeitos na plataforma Educação e Território: educacaoeterritorio.org.br. Desenvolvida pela Cidade Escola Aprendiz, a ferramenta reúne materiais, metodologias e experiências realizadas por escolas e organizações educativas do Brasil e do mundo.

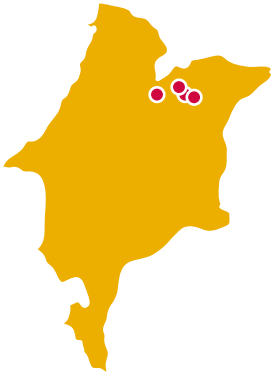
Ou seja, **a escola aberta à comunidade é o ponto de partida para a transformação de ambas:** ao passo que a escola compreende e enfrenta os desafios locais, ela atua na transformação e em diálogo com os problemas concretos que afetam diretamente a vida de seus educandos. Como contrapartida a esse processo, a comunidade abraça a escola, valorizando-a e apoiando-a em seus múltiplos desafios. Esse círculo virtuoso pode começar a partir de ações simples, como a abertura da Sala de Leitura como um espaço da e para a comunidade.

Nos próximos capítulos vamos entender como o projeto Rotas e Redes Literárias – iniciativa da Fundação Vale, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Maranhão e a Cidade Escola Aprendiz, por meio do Centro de Referências em Educação Integral – convidou educadores(as), gestores(as), estudantes e comunidades de 11 escolas de Ensino Médio para transformar suas Salas de Leitura em ambientes vivos e conectados com os anseios das juventudes, dos territórios e da própria Educação.

Uma história a muitas mãos:

a estrutura colaborativa do projeto Rotas e Redes

O projeto Rotas e Redes Literárias, iniciativa da Fundação Vale que acontece desde 2018 em territórios onde a empresa atua no estado do Maranhão, teve como finalidade promover o direito ao livro, leitura e literatura em 11 unidades de ensino maranhenses. Para responder a esse objetivo central, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Maranhão e a Cidade Escola Aprendiz, o projeto apoiou a estruturação física e a ampliação do acervo das Salas de Leitura, bem como formou a comunidade escolar para a gestão do espaço e promoção de práticas de mediação de leitura em todas as escolas participantes.



2 escolas em Arari

3 escolas em Santa Rita

2 escolas em Bacabeira

4 escolas em São Luís

Farol do Saber em Arari[1]

1 Como apresentado nas próximas páginas, o Farol do Saber, equipamento de educação e cultura do estado, passou a participar da formação.

Pautado nas premissas da Educação Integral e da gestão democrática nas escolas, o processo formativo sustentou a organização de uma gestão colaborativa em cada unidade escolar, envolvendo estudantes, professores, direção e membros da comunidade para pensar e definir as características do espaço, sua reforma e mobiliário, bem como a aquisição de acervo e a construção de práticas e diretrizes para seu uso e aproveitamento.

Leia e descubra:
Gestão democrática!

Princípio regulamentado pela Constituição Federal (1988) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, e 19ª meta do Plano Nacional de Educação (PNE), com vigência de 2014 a 2024, a gestão democrática prevê que a gestão da educação – em especial a gestão escolar – seja participativa, envolvendo profissionais, estudantes e comunidade. Na perspectiva da Educação Integral, a gestão democrática é um mecanismo fundamental para que os diferentes envolvidos no processo educativo possam se engajar ativamente nas decisões sobre todas as ações – pedagógicas e administrativas – do ambiente escolar, garantindo o exercício da colaboração e a valorização da diversidade de vozes e formas de pensar como aspectos cotidianos e fundamentais para o desenvolvimento dos sujeitos.

Essa edição, que teve início em 2019 como experiência inédita, passou a atuar com escolas estaduais de Ensino Médio e assumiu como premissa do processo formativo a participação direta dos estudantes. Nas edições anteriores

– que aconteceram em municípios do Pará, Rio de Janeiro e do próprio Maranhão –, o projeto contemplou escolas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental por meio de parcerias tanto com o Aprendiz quanto com o Instituto de Arte Tear, em diferentes formas de colaboração com governos municipais. Entre as experiências pregressas, a Fundação Vale implementou o Rotas e Redes em todas as escolas municipais de Arari e Santa Rita, na Baixada Maranhense. Os excelentes resultados e aprendizagens ao longo do processo motivaram a nova experiência, que estabeleceu o protagonismo juvenil como elemento catalisador de transformações no cotidiano escolar.

Leia e descubra:

Atuação com foco!

A Fundação Vale atua no apoio à implementação de políticas públicas e ações voltadas aos eixos de Educação, Saúde Básica, Inclusão Produtiva e Proteção Social nos territórios de influência da empresa. Entre as iniciativas que desenvolve, a organização busca constituir um legado permanente nos municípios e estados brasileiros, fortalecendo a atuação de gestores públicos, promovendo a inclusão e garantindo os direitos de crianças e adolescentes.

Nessa configuração, foram selecionadas escolas em municípios situados ao longo da Estrada de Ferro Carajás, ferrovia operada pela empresa Vale, como parte das ações de cooperação com o estado do Maranhão para melhorar o nível de alfabetismo de todas as crianças e jovens da região.

Trecho de obra

"(...)
Sou um
entre quatrocentos mil
numa cidade
de quatrocentos anos
e tiro da manhã o que me toca
de sol o que me cabe
de ar o que é necessário
para manter-me sentado
sobre lascas de solidão
a pedras de silêncio quebrado
pela anunciação do dia

A manhã é feita de sempre
mas se utiliza de sol e pássaros
para o velho anúncio
de sua certeza

São Luís sabe de manhã
antes de qualquer outro lugar do mundo
porque há um galo no quintal de tempo
ferindo sua crista no sonho
e seu canto chega em pedra ao mirante
que sabe adivinhar o dia
por trás dos muros

Aqui o tempo não dura em passar
mas em ficar à espera de quem o descubra
como curtida matéria de vida
pronta à ressurreição das coisas

São Luís é toda de manhã
como o aviso claro de um dia

(...)"

Os canhões do silêncio, de José Chagas

Caminhos percorridos

A fim de alcançar o objetivo central da iniciativa, foi elaborado um amplo processo formativo, totalizando mais de 160 horas de atividades presenciais e a distância, organizadas em quatro grandes blocos temáticos. A escolha das atividades *online*, motivada principalmente em função da pandemia de Covid-19 ao longo de 2020 e 2021, possibilitou a ampliação do número de agentes envolvidos, estendendo, inclusive, parte das discussões do projeto para outros territórios brasileiros.

Para iniciar o processo formativo, o projeto Rotas e Redes Literárias foi apresentado às escolas participantes, tendo como foco principal a disponibilidade para a gestão colaborativa das mesmas e a premissa de que os jovens tivessem espaço concreto de participação em todos os processos de escolha e decisão. Cada unidade de ensino, então, foi convidada a organizar uma comissão responsável por participar das formações, garantindo tanto representatividade dos diferentes segmentos da comunidade escolar quanto o diálogo interno e relações com o território.

Após o processo de **pactuação inicial**, deu-se início a quatro blocos de formação, envolvendo as comissões de cada organização participante.

Percurso formativo do Rotas e Redes no Maranhão

Setembro a Dezembro de 2019

Definição e construção colaborativa do mobiliário das Salas de Leitura

48 horas de formação, organizadas em atividades presenciais e a distância.

Mediador responsável: Rodrigo Mindlin Loeb, arquiteto e urbanista.

Resultado: Cardápio de móveis e seleção e produção do mobiliário para as 11 escolas integrantes do projeto.

Novembro a Dezembro de 2020

Território Leitor: práticas de mediação de leitura nas escolas

32 horas, organizadas em oito atividades formativas *online* abertas a interessados para além das escolas participantes, reunindo escritores (as), ativistas e especialistas em literatura e leitura.

Setembro de 2020 a Outubro de 2021

Seleção do acervo literário

32 horas de formação *online*, organizadas em atividades síncronas e assíncronas.

Mediador responsável: Volnei Canônica, especialista em literatura.

Resultado: Definição e abastecimento do acervo nas 11 escolas integrantes do projeto.

Novembro a Dezembro de 2020 - Território Leitor: práticas de mediação de leitura nas escolas

Literaturas, afetos e juventudes

Conceição Evaristo (escritora), Andreia Prestes (Fundação Vale)

A escola como Território Leitor

Christine Castilho Fontelles (Campanha *Eu Quero Minha Biblioteca*), Angélica Vitalino (Projeto Rio de Leitura, de Parnamirim/RN), Narlize Costa Fonseca (Ilha Literária - Rede de Bibliotecas Comunitárias de São Luís/MA)

Mediação de Leitura: por uma escola de leitores

Beto Silva (Instituto Clio), Claudileude Silva (mestre em Educação)

Resultado: Apresentação de práticas de mediação de leituras para as 11 escolas participantes do projeto e fortalecimento de uma comunidade leitora no estado.

Abril a Junho de 2021
Gestão democrática das Salas de Leitura

32 horas, organizadas em atividades síncronas e assíncronas, incluindo atividades de formação para as comissões de cada escola.

Mediadoras responsáveis: Cida Fernandez, bibliotecária; Érica Verçosa, pedagoga.

Resultado: definição dos nomes das 11 Salas de Leitura, bem como a produção de um guia de uso das Salas de Leitura para cada uma das escolas participantes.

Abril a junho de 2021
Gestão democrática das Salas de Leitura

Gestão democrática das Salas de Leitura

Cida Fernandez (bibliotecária) e Érica Verçosa (pedagoga)

Escrita criativa e produção literária de jovens

Javier Bemtemps (Cultura Atrevida) e Rodrigo Mindlin (arquiteto)

Mediação de leitura inclusiva e acessível

Carla Mauch (Mais Diferenças) e Aline Carvalho do Nascimento (Biblioteca Pública Benedito Leite, São Luís/MA)

Leitura nas redes

Tatiany Leite (jornalista, criadora do perfil @valerumlivro) e Pedro Corrêa (bookgram, criador do perfil @caisdaleitura)

Poesia nas escolas e nas ruas

Rodrigo Ciríaco (escritor, educador), Gugs (rapper e produtor cultural)

Clube de Leitura: tecendo redes de leitores

Fernanda Araújo (Clube do Livro/MA) e Edjanne Amaral de Almeida Silva (Centro Juvenil de Ciência e Cultura Senhor do Bonfim/BA)

Ao final do processo formativo e implementação das Salas de Leitura, foi criado o Prêmio Rotas e Redes Literárias, que contemplou doze projetos voltados à promoção do livro e da leitura nas escolas participantes. Foram selecionadas propostas de mediação de leitura; apoio à produção cultural e artística; aquisição de bens; serviços de organização e tratamento de acervo; mobilização e engajamento comunitário com dois meses de duração.

As iniciativas foram elaboradas pela comunidade escolar e contaram com o envolvimento dos estudantes na confecção das propostas. Por meio da mentoria do Aprendiz, as escolas foram beneficiadas com aportes de R$ 3 mil para cada unidade inscrita: 11 escolas e o "Farol do Saber" de Arari.

Leia e descubra:
Iluminando horizontes

A pedido da SEDUC, o equipamento público "Farol do Saber" de Arari – iniciativa cultural do estado realizada em parceria com os municípios e focada na promoção do livro e da leitura – também passou a integrar as formações e recebeu mobiliário e renovação do acervo. Atualmente, o Maranhão tem quase 120 faróis. Eles fortalecem a política de cultura, integrando o sistema de bibliotecas públicas do estado.

Muitas descobertas e novos desafios

Além de bem avaliado pelos participantes, o processo formativo do Rotas e Redes nas escolas maranhenses viabilizou mudança paradigmática para a compreensão do papel das Salas de Leitura nas comunidades e para a adoção da gestão democrática em seu cotidiano.

Mais do que espaços de armazenamento do acervo literário, as Salas de Leitura tornaram-se ambientes integrantes e integrados ao cotidiano escolar, assumindo como princípio e modo de funcionamento a interdisciplinaridade e a realização de atividades de caráter educativo, social e cultural para toda comunidade escolar.

Esses princípios podem ser observados na atuação da Secretaria de Educação do Governo do Estado do Maranhão (SEDUC-MA), que defende o acesso aos livros e à leitura como base fundamental para o desenvolvimento integral dos estudantes, e foco em maior coesão social e diminuição das desigualdades no estado. A superintendente de Gestão de Ensino e Desenvolvimento da Aprendizagem da SEDUC, Adelaide Diniz Coelho Neta, acredita que o projeto foi uma oportunidade ímpar para o apoio ao trabalho docente, da gestão da sala de aula e das práticas pedagógicas e, principalmente, para o crescimento do estudante.

"Para que de fato ocorra a aprendizagem, é preciso ampliar as oportunidades de leitura e acesso ao livro. O estudante que

possui mais acesso e um acesso mais variado ao universo dos livros tem maiores chances de desenvolver competências e habilidades para colaborar com o mundo em que vivemos. Dessa forma, o projeto contribui diretamente para o enfrentamento das desigualdades sociais", afirma.

Compreender o diálogo entre uma atitude leitora com as demandas contemporâneas da sociedade foi um pilar permanente de todas as ações da iniciativa. Segundo Adelaide, o letramento e a leitura de mundo são parte essencial do percurso de aprendizagem dos estudantes, focada no desenvolvimento da capacidade crítica de constituir respostas aos desafios atuais. "As Salas de Leitura convidam os estudantes a desenvolver uma série de habilidades e competências fundamentais e necessárias não apenas para eles individualmente, mas para fortalecer o sentimento de responsabilidade com o outro, com a comunidade. A Sala de Leitura bem equipada e trabalhada pela escola viabiliza um percurso de construção de saberes que interessam a todos, na escola e na comunidade", explica.

De acordo com a analista de Responsabilidade Social da Fundação Vale, Cláudia Lopes, o projeto alcança esses resultados ao reconhecer as demandas e características da juventude contemporânea. "O Rotas e Redes convida a nós e aos educadores a perceberem a experiência de vida dessa juventude, que difere da nossa experiência enquanto jovens. É uma proposta que abre possibilidades de interação e compartilhamento no equipamento escolar, da relação

professor-aluno, convida os funcionários como parte integrante do fazer pedagógico e transforma as relações, antes hierárquicas, em horizontais, assumindo como alternativa a participação – em que todos fazem juntos", ressalta, chamando atenção para o fomento à participação social da proposta.

Além desse aspecto, o processo formativo e de implementação das Salas de Leitura contemplou discussões e reflexões sobre raça, gênero, sexualidade, religião e espiritualidade, nomeando a importância de que o espaço escolar e, notadamente, as Salas de Leitura se construíssem como ambientes abertos e valorizadores da diversidade.

"O estudante que possui mais acesso e um acesso mais variado ao universo dos livros tem maiores chances de desenvolver competências e habilidades para colaborar com o mundo em que vivemos." Adelaide Neta, superintendente de Gestão de Ensino e Desenvolvimento da Aprendizagem da SEDUC-MA.

Essa tarefa exigiu escuta e atenção aos diferentes tempos e perfis institucionais dos atores envolvidos. "Sinergia. Essa palavra foi fundamental para enfrentar os desafios de realizar uma iniciativa como essa, em uma rede estadual, que envolve vários atores, de forma complexa. Foi um exercício de comprometimento cotidiano pensarmos estratégias para mobilizar e sensibilizar os participantes, de pensar juntos e colaborativamente os melhores caminhos a seguir. Aprendemos muito, juntos, e uns com os outros", explica Cláudia.

O olhar para a diversidade e a abertura para aprender durante o processo, com os parceiros, com as escolas e participantes, exigiu flexibilidade e ajustes de rota na construção das atividades. Como exemplo, inicialmente pensado a partir de encontros presenciais, com o advento das interdições sanitárias por conta da pandemia de Covid-19, todo o processo foi remodelado para atividades a distância, respeitando os ritmos, dinâmicas e possibilidades de participação remota das unidades de ensino.

"Uma marca do Rotas e Redes é o diálogo com a realidade local, premissa que nos permite customizar as ações previstas, de modo que garantam contextualização e pertinência a todos os envolvidos. Foi assim desde as primeiras conversas com as escolas e a secretaria de educação, e não poderia ser diferente quando a pandemia se instaurou. Diante de inúmeros desafios enfrentados por estudantes, famílias, educadores e educadoras e gestores e gestoras com o fechamento das escolas, o Rotas buscou manter-se presente e ativo", relata Raiana Ribeiro, coordenadora de Programas da Cidade Escola Aprendiz, organização da sociedade civil responsável pela implementação do projeto.

Para isso, foi preciso potencializar a escuta das comunidades, favorecer momentos de construção coletiva – ainda que virtuais – e articular a literatura como um canal para acessar o universo do sensível. "Adentramos todos em um período atípico, de medo, incertezas e luto. O distanciamento social, a ruptura do cotidiano, a falta da escola e da rua mexeram com nossas percepções sobre tempo, espaço e presença.

Sustentar as ações do Rotas e Redes nesse contexto foi importante para o acolhimento dessas comunidades e também para que as narrativas literárias ajudassem na elaboração dos acontecimentos e na projeção de novos futuros", defende Veridiana Negrini, gestora do projeto pela Cidade Escola Aprendiz.

Educação Integral para uma leitura de mundo

Os princípios de construção coletiva e colaborativa, bem como a atenção às singularidades dos contextos, das escolas e dos próprios participantes da formação, dão forma à Educação Integral, chave conceitual do trabalho realizado pelo Rotas e Redes Literárias.

Leia e descubra:
Cidade Escola Aprendiz!

Criada em 1997, a Cidade Escola Aprendiz é uma organização da sociedade civil de interesse público que contribui para o desenvolvimento dos sujeitos e suas comunidades por meio da promoção de experiências e políticas públicas orientadas por uma perspectiva integral da educação. Estruturado em programas que atuam em diversas cidades do país, o Aprendiz pesquisa e desenvolve conteúdos metodológicos, dissemina experiências, realiza formações para gestores, educadores e lideranças sociais, e contribui para a modelagem e implementação de políticas públicas de educação e direitos humanos[2].

2 Para conhecer o relatório de atividades da Cidade Escola Aprendiz, acesse: cidadeescolaaprendiz.org.br/relatorios/2020

Compreendendo a educação como um processo que se dá ao longo da vida e na atenção a cada sujeito e às possibilidades de que cada um crie seu percurso de aprendizagem, discutir os caminhos para ressignificação das Salas de Leitura na perspectiva da Educação Integral permitiu conceber esses espaços como potências das escolas para a construção e implementação de Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) alinhados aos interesses, demandas e sonhos dos estudantes.

"Ao provocar reflexões sobre o papel da Sala de Leitura, o Rotas e Redes busca criar aproximações, provocações e deslocamentos sobre a própria escola. Concebê-la como *locus* de produção de conhecimento, espaço de encontros, relações e criações é fundamental para formar uma comunidade leitora e forjar a escola como Território Leitor", afirma Raiana.

Nesse sentido, os desafios encontrados pelo Rotas e Redes refletem tarefas históricas de um país marcado por múltiplas desigualdades, dentre elas, as educacionais. Embora a escola seja o principal indutor dos níveis de alfabetismo[3] e os professores sejam os influenciadores[4] mais relevantes quando o assunto é leitura, há ainda um conjunto de barreiras

3 De acordo com o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), apesar do aumento da escolaridade entre os brasileiros nas últimas décadas, há ainda um número expressivo de analfabetos funcionais. A pesquisa de 2018 revelou que, mesmo entre os jovens de 15 a 29 anos com Ensino Superior completo, 4% ainda estão na faixa dos considerados analfabetos funcionais e 20% encontram-se no nível elementar de alfabetismo. Para mais informações: alfabetismofuncional.org.br

4 Dados extraídos da 5ª edição da Pesquisa *Retratos da Leitura*, do Instituto Pró-Livro, demonstram que 15% dos leitores foram influenciados a ler por algum professor ou professora. Para mais informações: prolivro.org.br

que impedem que o direito ao livro, leitura e literatura seja assegurado a todos e todas. "É observando esse contexto que o projeto dedica especial atenção ao acesso ao objeto livro, à formação de sujeitos leitores e ao desenvolvimento do gosto pela leitura e literatura, mas não apenas por parte dos estudantes, como também dos educadores e educadoras", defende Veridiana.

Ao longo de dois anos, o projeto Rotas e Redes Literárias permitiu um acúmulo de conhecimentos, construídos em diálogo entre os parceiros e participantes da iniciativa. No lugar de um conjunto de receitas prontas, a proposta reuniu marcos conceituais norteadores para as ações nas escolas, fomentando que as Salas de Leitura sejam organismos vivos nas unidades de ensino e nos territórios, e inspirando outras instituições a pensarem e qualificarem suas atividades de leitura e literatura a partir dos desejos e potências dos leitores.

Nos próximos capítulos serão apresentados os caminhos trilhados pelo projeto a partir dos quatro eixos que estruturam a proposta formativa: espaço e mobiliário; acervo; práticas educativas; e gestão colaborativa – buscando que essa iniciativa permaneça viva, em constante (re)apropriação e recriação, de acordo com os contextos e anseios das comunidades escolares e territórios.

Trecho de obra

"(...) O administrador entra com cuidado, evitando sujar a roupa nos cabos das pás e enxadas.

– Quantos anos pode ter esse menino?

– Uns dez. Mas o que sabem fazer o senhor não pode imaginar.

— E cadê o Galego?

— Já mandou. Tanto ele quanto Negão. Dr. Alencar não está preocupado com a morte do menino; preocupa-o a forma de livrar-se do corpo, sem que haja problema."

Infância dos mortos, de José Louzeiro

Derrubar os muros, romper com as barreiras:

repensando a ambiência das salas de leitura

O espaço forma e informa

Como apresentado nos capítulos anteriores, viabilizar o acesso ao livro e à leitura depende de um conjunto de fatores: da formação dos professores e profissionais das salas de leitura em práticas de mediação de leitura, à apresentação e disponibilização de um acervo diversificado que engaje e responda às necessidades da comunidade escolar, além da necessidade de escuta e co-construção dos processos educativos com os jovens. Contudo, um dos pontos de maior atenção diz respeito ao **espaço** onde os livros estão, abrindo, inclusive, possibilidades de encontro entre a comunidade e o conhecimento ali presente.

Todo ambiente reflete uma intencionalidade. Hospitais nos remetem à ideia de limpeza, asseio, assepsia, racionalidade. Casas de vó, com a imagem do fogão à lenha, nos proporcionam uma sensação de segurança, de cuidado,

de carinho. Parques floridos nos chamam para o lazer, à brincadeira e a deliciosos piqueniques. Da mesma maneira, as bibliotecas escolares e salas de leitura podem e devem ser espaços que de fato convidem os leitores e leitoras a se aproximarem dos livros, manuseá-los, tocá-los, lê-los…

Leia e descubra:
As mil possibilidades da biblioteca escolar

Além de ser um espaço onde se guarda o acervo de livros, filmes, áudios, revistas e jornais da escola, as salas de leitura e bibliotecas escolares são espaços de prática da ação pedagógica, que servem de apoio à construção de conhecimentos, dão suporte a pesquisas e viabilizam de exercício da cidadania.

Porém, a realidade, infelizmente, não é assim. Por falta de investimento, priorização e até mesmo conscientização do poder público e às vezes da própria comunidade, é comum encontrar salas de leitura e bibliotecas escolares como espaços fechados, lúgubres, empoeirados e até funcionando como depósitos de livros didáticos, caixas e documentos! O acesso aos livros, revistas e quadrinhos muitas vezes é difícil: pilhas que não facilitam a identificação dos títulos, desordem que impede que eles sejam facilmente encontrados. Sem contar na falta de assentos confortáveis para a leitura, ou mesas de trabalho e iluminação que favoreçam o estudo e

Trecho de obra

"A medida do espaço somo nós, homens,
Baterias de cozinha e jazz-band,
Estrelas, pássaros, satélites perdidos,
Aquele cabide no recinto do meu quarto,
Com toda a minha preguiça dependurada nele...
O espaço, que seria dele sem nós?
Mas o que enche, mesmo, toda a sua infinitude
É o poema!
- por mais leve, mais breve, por mínimo que seja..."

Poema [O tamanho do espaço], de Mario Quintana,
no livro "Velório sem defunto".

a concentração. Em alguns casos, dado seu caráter austero, mesmo quando bem organizadas, as bibliotecas acabam virando espaços intocáveis, que não podem ser acessados ou se tornam espaços de castigo e punição. A frase "você está atrapalhando, vá para a biblioteca" acaba sendo um bordão presente em muitas instituições de ensino.

Em contrapartida, são inúmeros os exemplos no Brasil e no exterior de escolas que têm suas salas de leitura ou bibliotecas como seus corações: espaços centrais e super valorizados pela comunidade, bem cuidados, limpos, organizados e principalmente habitados! Não apenas pelos livros, mas pelos estudantes e professores que fazem delas organismos vivos e pulsantes nos edifícios e muitas vezes no entorno e territórios onde elas se inserem.

"Todo ambiente é carregado de intencionalidade. A maneira como o organizamos reflete o que queremos que aconteça ali e que relações permitimos que o usuário estabeleça com o lugar."

Trecho do texto "O espaço e a leitura", de Ana Carolina Carvalho, Eliana Chalmers Sisla e Denise Nalini, publicado pelo Instituto Avisa Lá[1].

1 AVISA LÁ. O espaço e a leitura. Instituto Avisa Lá (site). 19 de novembro de 2009. Texto disponível em: avisala.org.br/index.php/noticias/o-espaco-e-a-leitura

Lendo os números:

Dados do Anuário da Educação Básica indicam que apenas metade das escolas de Ensino Fundamental I têm bibliotecas ou salas de leitura. No Ensino Fundamental o percentual sobe para 73% e no Ensino Médio para 88.

Mas, esta é uma realidade que não está presente em todas as etapas da educação e em todas as localidades. Embora a universalização das salas de leitura ou bibliotecas nas escolas seja uma meta do Plano Nacional de Educação (PNE) a ser alcançada até 2024, ela segue como um desafio principalmente por conta da infraestrutura. Pensar o espaço e as relações que nele se estabelecem é necessidade presente quando discutimos não apenas o acesso aos livros, mas o estímulo e práticas educativas para que eles de fato sejam lidos.

Como pensar o espaço da sala de leitura?

Com o desafio de ampliar o número de escolas e acesso às matrículas, em especial na rede pública de ensino, nem todos os edifícios das unidades educativas foram pensados de modo a ter um espaço específico para este fim. Muitas vezes, salas de aula ou espaços livres foram adaptados, muitas vezes exigindo criatividade das escolas para transformá-los em salas de leitura tanto funcionais quanto agradáveis.

Assim, é preciso pensar na intencionalidade do espaço: o que ele comunica, como ele recebe e acolhe as pessoas, o que ele permite ou interdita, e como ele fundamentalmente se constrói na vida cotidiana da escola e do processo educativo. Para literalmente dar corpo a essa discussão, o arquiteto - e grande parceiro dos livros - Rodrigo Mindlin Loeb explica quais são os cuidados e necessidades para pensar o espaço de uma sala de leitura.

Leia e Descubra:
Rodrigo Mindlin Loeb

Formado em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e Mestre em Energia e Meio Ambiente pela Architectural Association School of Architecture em Londres, na Inglaterra, Rodrigo desenvolve projetos arquitetônicos e é professor e pesquisador na escola de arquitetura do Instituto Presbiteriano Mackenzie. Ávido leitor, entre seus trabalhos destaca-se o projeto da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, construção de mais de 20 mil m2 que abriga mais de 30 mil livros da coleção particular do advogado e bibliófilo José Mindlin e do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Rotas e Redes: *O Terceiro Estudo Regional Comparativo e Explicativo (TERCE) da Unesco, que, em 2013, analisou dados de escolas de 15 países latinoamericanos indicou que a ambiência e o clima escolar são fatores significativos na aprendizagem e*

desenvolvimento das crianças e adolescentes. Na sua visão e experiência, como a ambiência, considerando o espaço e as relações que nele se estabelecem, contribui para o desenvolvimento dos estudantes?

Rodrigo Loeb: Podemos pensar que a arquitetura são as pessoas no espaço - ou seja, são as relações, favorecidas ou não por este espaço, que a definem. Se este espaço não permite múltiplas possibilidades de interação e experiência, estímulo, criatividade, de qualidade espacial e ambiental, estas relações ficam tolhidas, limitadas e perdem a possibilidade de avançar.

Vejam este exemplo. Uma colega minha estava estudando o padrão de escolas do FNDE [Fundo de Desenvolvimento Nacional da Educação], e ela estava olhando para uma comunidade onde havia muitos alunos que recém haviam chegado de visitar familiares na prisão. Estes alunos reconheciam na escola a mesma linguagem da prisão, como as cores das grades, por exemplo. Isso é muito pesado, né? Como que um aluno que vê o espaço da escola como uma prisão vai desenvolver plenamente sua experiência de aprendizagem e relações?

Outro aspecto é que todas as condições de iluminação, de textura, de superfície, de cor, de ventilação, de acústica...tudo isso influencia porque dizem respeito aos nossos sentidos, e pouco dimensionamos o quanto nossos sentidos e nossa percepção sobre eles impactam a nossa experiência no am-

biente. Precisamos então considerar que construções que são totalmente feitas de materiais resultantes de processos extrativistas, distantes da cultura e natureza do lugar, como concreto e aço - que podem até ser esteticamente bonitas - influenciam não apenas estes sentidos, como simbolicamente dizem da nossa relação com a natureza.

Temos ainda essa outra perspectiva - de entender o ambiente e o espaço, e a nossa experiência como algo integrado. Se um espaço está totalmente isolado do exterior, de onde ele está é uma coisa, se ele está aberto e se relaciona com o que está fora dele, é outra.

E, como uma outra camada importante para refletirmos, está aquilo que acontece dentro do espaço em questão: o arranjo e o suporte para as atividades pretendidas naquele ambiente. Os próprios móveis, e os elementos que podem dar suporte aquilo que se pretende e que serão apropriados pelas pessoas que usam aquele espaço. Cada tipo de atividade vai pedir um tipo diferente de experiência espacial! Há uma relação importante com a forma que pensamos o uso do espaço: um caráter disciplinador mais tradicional faz uso do espaço de uma determinada maneira, mas se repensarmos os espaços também podemos repensar o uso deles.

Resumidamente, quando falamos nessa relação de ambiência e aprendizagem e desenvolvimento são muitos os elementos a considerar: desde os aspectos da materialidade e qualidade ambiental da luz - natural ou artificial, da cor,

do horizonte, do tipo de material, do tato e textura até o simbólico, a que remete este espaço, os usos que se faz dele e suas possibilidades de reconstrução.

Rotas e Redes: *Você anuncia três grandes temas que, claro, estão integrados: infraestrutura e relação com o exterior, mobiliário e usos e leituras do espaço. Considerando o primeiro deles, "a casca", como podemos, partindo do modelo-base das escolas hoje, implementado pelo FNDE, repensar a sala de leitura nas escolas?*

Rodrigo Loeb: Primeiro, precisamos entender que o desafio de uma padronização vem para dar conta de uma escala muito grande de resposta. Todo tipo de padronização visa assegurar as condições mínimas, mas, o que na prática acaba acontecendo é que essa fica uma definição quantitativa e não qualitativa. Essencialmente não tem projeto! Se não tem projeto, não tem desejo. Se não tem desejo, não tem possibilidade de transformação do espaço. E aí ele acaba virando um depósito, como acontece em muitas escolas!

Temos então que olhar para isso de duas maneiras. Do ponto de vista da gestão, em relação à padronização, nós precisamos conseguir que o qualitativo se sobreponha ao quantitativo. Ou seja, uma solução para o espaço em questão não tem que seguir uma cartilha e ser sempre igual. Ela tem que ser diferente para cada lugar.

Ao mesmo tempo, olhando para os 70% de escolas que têm uma caixinha como sala de leitura, uma caixa com quatro paredes, um teto, uma porta e às vezes nem uma janela,

o que fazer? A primeira coisa - que é ao mesmo tempo, muito simples, mas muito difícil de ser aceita, é quebrar totalmente a parede, é romper com o isolamento da sala. É uma estratégia que não representa custo inviável, e que de fato é muito simples. Eliminar a parede, e trocar essa parede por um elemento que tenha transparência, ou que abra e feche, pode de fato mobilizar um processo de mudança de uso daquele espaço.

Muitas escolas que visitei não só transformaram suas salas de leitura em depósitos, mas justamente porque tinham virado depósitos, tinham portas, com grades e cadeados, todas fechadas! Então, é preciso romper com uma ou duas paredes da sala, transformando-a quase que em uma varanda, em um espaço integrado de convívio. É só olharmos para os corredores das escolas e que funcionam como varandas; são provavelmente os espaços que têm mais vida ali e mais apropriação pelos estudantes e pelas estudantes. São espaços abertos, de encontro, para conversar…

Estamos falando então de tirar os muros. São as paredes que impedem as pessoas de passar por eles, que reproduzem interdições.

Estamos falando então de tirar os muros. São as paredes que impedem as pessoas de passar por eles, que reproduzem interdições.

Por outro lado, precisamos incluir nos projetos um espaço de depósito. Reconhecer que existe essa demanda, então vamos construí-lo, mas tendo essa função - de depósito - e não como salas de leitura.

Rotas e Redes: *E para além dessa estrutura base?*

Rodrigo Loeb: Um aspecto seria a calidez, o acolhimento do espaço. E isso tem a ver com materialidade, cor, textura e luz. Por exemplo, a luz fluorescente branca dá a impressão que você está numa clínica hospitalar, não dá uma sensação de conforto. Esse segundo passo diz respeito ao conforto ambiental, refletindo sobre as estratégias que chamamos de passivas; tudo aquilo que é possível aproveitar dos recursos que são naturais: luz, ventilação, relação visual com o contexto externo.

E isso está relacionado com a própria concepção estrutural do espaço. Uso excessivo de ar condicionado, por exemplo, acaba sendo necessário porque o ambiente foi pensado como uma caixa fechada, sem ventilação. Assim, abrir uma parede, duas paredes lhe oferece a possibilidade de ter mais ventilação, menos umidade, mais luz, reduzindo, inclusive, custos de energia, por exemplo.

E, se o espaço é mais transparente, ele é mais cuidado. Não tem ninguém, nem nada escondido. O ambiente se transforma a partir de interações mais fluídas, mais abertas.

Para ler mais: Pedagogia contra o isolamento

Entendendo que muitas vezes, dado a natureza burocrática das reformas nos equipamentos públicos, o Rotas e Redes apostou em ações pedagógicas para romper com o isolamento da sala de leitura. Práticas de mediação como laboratórios de escrita criativa, contação de histórias e saraus são alguns dos exemplos! Leia mais sobre o tema no Capítulo 5 desta publicação!

Rotas e Redes: *E aí vão entrando os outros elementos, certo? Como os móveis, por exemplo.*

Rodrigo Loeb: Quando falamos de design, falamos de desejo! Tem amor, tem paixão. Sentar numa cadeira desconfortável, dura, feia é uma coisa triste. Às vezes é necessário resgatar um elemento simples, como pufes ou redes, que também são os suportes ligados à cultura do lugar, à nossa cultura brasileira. Nesse sentido, os móveis têm cor, têm textura, têm sensação, estabelecem uma relação de conforto, de qualidade, em que a experiência não é tolhida pela tristeza que fica subjacente ao espaço.

Além disso, este ambiente e mobiliário dizem de estima, em que a pessoa se sente merecedora desse espaço. Ali eu posso ser, posso ler, posso expandir meu conhecimento, posso aprender…

O curioso disso são as construções simbólicas artificiais que pautam como estruturamos ou interagimos com um determinado ambiente. Muitas vezes, erroneamente, o que vai dar a relação de estima e esse sentimento de pertencimento é a ideia de uma sala fechada, janelas fechadas, uma luz fluorescente, tudo pintado de branco e azulejado. E aquilo que é uma sala cirúrgica acaba representando essa ideia de estima. Isso é uma construção cultural que tem relação com a cadeia da construção civil, com o "comprem isso porque é isso que a indústria quer que você consuma". Tem algo do processo que deveria ser uma reconexão, uma reeducação simbólica do ambiente.

Para ler mais

Como pensar a infraestrutura na Educação Integral?
Acesse: educacaointegral.org.br/metodologias/como-pensar-a-infraestrutura-e-financiamento-na-educacao-integral

Rotas e Redes: *E pensando simbolicamente a escola é uma oportunidade privilegiada para apoiar esse processo de formação para uma arquitetura que diga da nossa cultura, que se relacione com a natureza. Parece que há um descompasso entre uma ideia de algo associado com a modernidade e aquilo que é contemporâneo, que diz da sustentabilidade dos espaços.*

Rodrigo Loeb: Sem dúvidas! É uma discussão que no fundo está falando da nossa possibilidade de permanência no planeta. Esse modelo associado ao moderno, que é o extrativista, industrial, pós-extrativista e pós-industrial é um modelo de exploração e não de integração. Será que aquilo que extraímos da natureza é para pegarmos mesmo?

Temos um duplo desafio como sociedade. Precisamos ao mesmo tempo construir novas escolas com esses novos paradigmas e desconstruir o que existe, pensando nessas possibilidades de transformação. Esse processo de desconstrução tem a ver com a possibilidade de apropriação pelos usuários do espaço que ao se reconhecerem de fato dele consigam quebrar com essa cartilha imposta. Por isso reitero a importância de "quebrar essa caixinha". E a escola tem esse desejo, tem essa vontade, mas muitas vezes fica refém de como a política pública se estrutura.

Trecho de obra

"(...)

Os livros têm olhos para todos os lados e bisbilhotam o cima e o baixo, a esquerda e a direita de cada coisa ou coisa nenhuma. Nem pestanejam de tanta curiosidade. Podemos pensar que abrir e fechar um livro é obrigá-lo a pestanejar, mas dentro de um livro nunca se faz escuro. Os livros querem sempre ver e estão sempre a contar.

As bibliotecas só aparentemente são casas sossegadas. O sossego das bibliotecas é a ingenuidade dos ignorantes e dos incautos. Porque elas são como festas ou batalhas contínuas e soam canções ou trombetas a cada instante. E há invariavelmente quem discuta com fervor o futuro, quem exija o futuro e seja destemido, merecedor da nossa confiança e da nossa fé.

Adianta pouco manter os livros de capas fechadas. Eles têm memória absoluta. Vão saber esperar até que alguém os abra. Até que alguém se encoraje, esfaime, amadureça, reclame o direito de seguir maior viagem. E vão oferecer tudo, uma e outra vez, generosos e abundantes. Os livros oferecem o que são, o que sabem, uma e outra vez, sem se esgotarem, sem se aborrecerem de encontrar infinitamente pessoas novas. Os livros gostam de pessoas que nunca pegaram neles, porque têm surpresas para elas e divertem-se com isso. Os livros divertem-se muito.

(...)"

Trecho do conto "As Bibliotecas", de Valter Hugo Mãe.
In:Contos de cães e maus lobos. 1a. Edição.
Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.

Rotas e Redes: *Considerando que os espaços têm sempre uma intencionalidade, você, que também é um ávido leitor, conseguiria dizer o que deve ser a intencionalidade de uma sala de leitura?*

Rodrigo Loeb: Primeiro, tem que ser um **espaço de liberdade!** No sentido de não ter funções ou posições fixas. Em segundo lugar, um espaço de acolhimento, que tenha um aspecto convidativo, **de estimular a curiosidade e o desejo de estar nele**. É preciso que os livros sejam o elemento configurador do espaço. Como diz aquela frase célebre "uma sala sem livros é como um corpo sem alma"[2]. **O livro deve ser o protagonista**.

E então é preciso pensar o acolhimento a partir do conforto deste espaço, conforto em relação às sensações. Precisamos de elementos de mediação da experiência do conforto. É preciso também oferecer várias experiências de experimentar a leitura: deitado, em pé, sentado, a dois, sozinho, ...enfim! Vários jeitos de ler. E por fim, é preciso ser um espaço de **acesso livre, sem barreiras**.

Isso configura a estrutura mínima que o ambiente deve ter: as texturas, as condições ambientais, as cores, os objetos, o mobiliário, retomando o que já mencionamos.

"Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia."

João Guimarães Rosa[3]

2 Frase atribuída ao pensador romano Marco Túlio Cícero.
3 Trecho de Grande Sertão Veredas, de João Guimarães Rosa.

Rotas e Redes: *Tem uma questão que sempre aparece no nosso imaginário quando pensamos em bibliotecas que é a ideia do silêncio como elemento estruturante. Para você, qual é de fato o lugar do silêncio na sala de leitura?*

Rodrigo Loeb: Existem momentos em que o silêncio vai quase que espontaneamente ocupar o espaço, e tem momentos que ele vai ser desnecessário. Ele deve ser parte da experiência do espaço, mas não como uma imposição constante e contínua. Ao integrar a comunidade escolar no processo de formulação da sala de leitura, de desenho do mobiliário, de escolha do acervo, esse lado "sepulcral" dela perde força. A construção coletiva, mesmo com o tempo, é retransmitida e a sala ganha uma outra dimensão; ela deixa de ser um lugar inacessível ou de interdições para um ambiente de todos e para todos.

A biblioteca precisa ter um aspecto de magia, de fascínio, mas que acolhe, que recebe e que vira parte integrante daquela comunidade

A biblioteca precisa ter um aspecto de magia, de fascínio, mas que acolhe, que recebe e que vira parte integrante daquela comunidade.

Rotas e Redes: *Para resumir nossa conversa, quais seriam três elementos essenciais para repensar o espaço da sala de leitura em escolas considerando a atual configuração dela?*

Rodrigo Loeb: Desconstruir os preconceitos, investigando outras possibilidades e formas de olhar para o espaço, romper com a caixa fechada, e trazer de verdade a participação da comunidade na transformação dele.

Estimulando boas perguntas!

O processo participativo de reformar ou adaptar a sala de leitura precisa atentar para aspectos fundamentais que compõem e interferem nas sensações, no clima e nas relações que se produzem naquele ambiente!

Por isso, é preciso garantir que a comunidade escolar possa refletir sobre:

1. **A flexibilidade de usos e adaptabilidade da sala:** quem a utiliza? Como? Quais são as práticas educativas que nela acontecem ou podem acontecer? Que configurações a sala de leitura precisa ter para receber e acolher essas diferentes propostas?

2. **A escolha do mobiliário:** qual mobilidade os objetos precisam ter para garantir essas diferentes configurações da sala? Alguns móveis podem ser levados para outros espaços da escola? Como eles viabilizam o acesso e a relação com os livros? De que forma eles podem facilitar a organização e mesmo a limpeza e o cuidado do espaço?

3. **Sustentabilidade do mobiliário:** é possível adaptar ou construir móveis e objetos com materiais reciclados ou reutilizados, como estantes e bancos de pallets de

madeira ou pufes de pneus? É possível estofar assentos com novos tecidos e cores ou costurar novas almofadas? O que pode ser feito a baixo custo e em diálogo com a cultura local?

4. **Os objetos podem ter mais de uma função:** é possível que uma estante também opere como uma divisória? Do que a sala precisa para responder às atividades que nela acontecem? Como a comunidade pode aproveitar melhor o que o sala oferece?

5. **Os bens e o espaço são duráveis:** é possível fazer escolhas mais sustentáveis? Que tipo de manutenção os objetos exigem? Os objetos e configuração da sala ajudam o espaço a gastar menos energia, por exemplo? Como a sala se comportará nos dias muito quentes? É um espaço que exigirá que tipo e que rotina de limpeza?

6. **O caráter cultural e lúdico:** o espaço e o mobiliário dialogam com a comunidade escolar? Tem a cara dos jovens? Do território? Respeitam e se integram aos valores, símbolos e recursos locais? Estão integrados à comunidade?[4]

4 Com base em: AVISA LÁ. O espaço e a leitura. Instituto Avisa Lá (site). 19 de novembro de 2009. Texto disponível em: avisala.org.br/index.php/noticias/o-espaco-e-a-leitura

Valorizar a diversidade em todos os sentidos:

a construção de um acervo com a cara da juventude

**Este Capítulo foi construído com base nas aulas ministradas por Volnei Canônica nas Oficinas de Seleção de Acervo no âmbito do projeto Rotas e Redes Literárias*

Bibliotecas e as coleções de memórias da humanidade

Bartolomeu Campos de Queirós, importante escritor brasileiro e um dos idealizadores do *Manifesto por um Brasil literário*, defendia que o acesso aos livros é fundamental para construir a sociedade que desejamos, uma vez que é por meio desses que se abre as portas para a inovação e para a **capacidade humana de sonhar, de fantasiar**. Segundo ele, em depoimento sobre o manifesto, "a fantasia é o que existe de mais importante na construção do mundo. Se existe um novo é porque ele foi fantasiado anteriormente. Nós devemos à fantasia todo desenvolvimento do mundo."

E, dessa forma, as bibliotecas e salas de leitura escolares são espaços privilegiados - não apenas para a construção de **práticas e hábitos leitores**, que ampliem os olhares, vocabulários e conhecimentos da comunidade, mas para fortalecer e valorizar a possibilidade de criar e gerar novos conhecimentos, novas **leituras de mundo**, novos diálogos e novas formas de fazer, pensar e por que não, solucionar problemas e questões da sociedade.

Historicamente, o mundo tem nas bibliotecas o espaço de resguardar, proteger e disponibilizar o conhecimento produzido, mas a própria ideia de guardar e preservar a memória é anterior até mesmo que os livros. De acordo com Volnei

“A fantasia é o que existe de mais importante na construção do mundo. Se existe um novo é porque ele foi fantasiado anteriormente. Nós devemos à fantasia todo desenvolvimento do mundo. Então a educação não pode estar somente em informar o que já foi feito. A educação também tem que abrir uma porta para que o sujeito possa fantasiar o futuro e dar corpo a essa fantasia. A literatura é importante para que a educação se confirme como um lugar da transformação e não apenas o lugar da informação.”

Trecho de entrevista com Bartolomeu Campos de Queirós, escritor brasileiro e um dos idealizadores do Manifesto por um Brasil literário.[1]

1 Disponível no YouTube em www.youtube.com/watch?v=BXBnV9PDlgw. Acesso em 16 de junho de 2021.

Canônica, escritor e especialista em literatura infanto-juvenil, "o impulso de contar histórias pode ter nascido quando o homem sentiu necessidade de comunicar alguma experiência sua que poderia encontrar eco em outros homens."

Da mesma maneira, encontramos registros de pinturas rupestres que indicam ações, vivências e medos do cotidiano, ou rituais e simbologias nas mais diversas culturas que tentavam explicar os fenômenos da natureza e ainda proteger ou fortalecer os homens no encontro com as forças que lhes eram hostis. São muitos os exemplos de histórias que permaneceram ao longo do tempo, passadas de pais para filhos, de geração em geração, e que foram construindo um arcabouço de símbolos e imagens que, em alguma medida, ajudam a compor o que chamamos de memória e imaginário coletivos.

Leia e descubra: Literatura primordial

Também conhecida como tradição oral ou narrativas primordiais ou ainda *oratura*, a literatura primordial é o conjunto de textos, compartilhados oralmente por diferentes civilizações. Embora não necessariamente transcritas, essas histórias atravessaram séculos e ficaram presentes nas memórias de diferentes povos[2].

2 Com base em "A narrativa primordial" In. COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil. 5ª ed. São Paulo: Amarylis Editora, 2010 e em GOMES, Lenice e MORAES, Fabiano. Alfabetizar letrando com a tradição oral. 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014. Nota: Gomes e Moraes (p. 7) advogam pelo termo oratura, a fim de valorizar e fortalecer o caráter oral das histórias, indicando que o termo, cunhado pelo linguista ugandense Pio Zirimu, "surge como expressão alternativa à literatura oral por apresentar-se mais apropriado para o fim a que se propõe: designar um conjunto de formas verbais, artísticas ou não."

Com o passar dos tempos e com a invenção dos suportes para texto, como o papiro, o tecido e posteriormente o papel, essas histórias passaram a ser registradas e materializadas em uma espécie de coleção permanente. Novas histórias foram se criando, e novos gêneros e formas de narrativas passaram a povoar o grande acervo da humanidade.

Biblioteca

Do grego, **biblio = livro** e **teca=coleção**

Atualmente, como indicado nas Diretrizes da Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições (IFLA) e Organização das Nações Unidas para a Ciência e Cultura, as bibliotecas escolares têm a missão de habilitar os alunos para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolver sua imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

Para tanto, as bibliotecas promovem atividades de fomento à cultura e pensamento crítico, **tendo como uma de suas muitas atividades** a disponibilização à comunidade escolar de coleções de dados registrados de muitas formas, não apenas em papel. São bibliotecas as compilações de revistas e jornais, gravações, microfilmagens, slides, transparências, diapositivos, fitas de vídeo, fitas de áudio, CDs e DVDs, e mais recentemente, o livro eletrônico e a possibilidade de armazenar tudo na chamada nuvem, acessada pela Internet. Um bom exemplo é a Biblioteca Digital Domínio Público, do Estado brasileiro, que reúne as mais diferentes obras em texto, imagem, vídeo e áudio que estão livres de direito patrimonial do autor.

Leia e descubra: Domínio Público!

No Brasil, assim como na maior parte do globo, o conhecimento produzido tem autoria, que deve ser respeitada. Na maior parte dos países, depois de 50 a 70 anos da morte o autor, o espólio - aquilo que ele produziu em vida - entra para domínio público. Ou seja, suas obras passam a poder ser reproduzidas, distribuídas, traduzidas, publicadas ou adaptadas sem a necessidade de autorização, desde que atribuída a fonte correta.

Olá pessoal!
Para entender a importância da construção de um acervo potente e interessante para as nossas escolas, vale recuperarmos um pouquinho da história das bibliotecas no mundo e principalmente no Brasil.
Não conseguimos precisar ao certo qual foi a primeira biblioteca do mundo, mas sabemos que diversas civilizações costumavam guardar seu conhecimento em diferentes suportes. Acredita-se, por exemplo, que os sumérios mantinham uma vasta biblioteca de placas de argila com registros em escrita cuneiforme sete séculos antes de Cristo.
Aproveitando este assunto, vocês sabiam que o primeiro registro da existência de uma escritora data de 2300 AC, na Mesopotâmia? Sim, aparentemente foi uma mulher - a Enreduana, a primeira pessoa a ser considerada uma escritora em nossa história! Legal, né?

Mas, certamente, uma das mais importantes bibliotecas da história foi a Grande Biblioteca de Alexandria, no Egito Antigo. A biblioteca era parte de uma espécie de Museu, que recebeu esse nome em homenagem às musas, as Deusas patronas da arte
Acredita-se que lá pelos anos 280 AC, Alexandria tornou-se conhecida como a Capital do Conhecimento do mundo antigo justamente por sua imensa e importante biblioteca.
Embora tenhamos no imaginário que a biblioteca ruiu com um incêndio, ela, na verdade, declinou e foi perdendo seu valor (e objetos) com o tempo. E, historiadores acreditam que tudo começou com a perseguição de intelectuais em 145 AC, sob o pretexto de que o conhecimento era muito perigoso para as estruturas de poder da época.
Essa ideia do conhecimento como algo a ser mantido longe das pessoas comuns, como nós, se manteve durante muito tempo! E até hoje vemos exemplos de tentativas de censurar ou proibir o acesso a livros e informação!

Precisamos lembrar que mesmo antes de Alexandria, o filósofo Aristóteles, que viveu entre 384 e 322 AC, realizava e ministrava aulas em um espaço cheio de registros escritos. Mesmo naquela época tão distante já se pensava na integração fundamental entre a educação e o espaço das bibliotecas!
A civilização árabe, ao longo dos séculos VII ao XIV, contribuiu muito para a expansão e criação de bibliotecas, muitas delas, escolares, ligadas à formação de filósofos, tradutores, astrônomos. Muito do que conhecemos hoje sobre a Grécia e Egito Antigos foi graças aos povos árabes, que restauraram e traduziram essas obras originais.
No chamado mundo Ocidental, as bibliotecas ficavam quase que exclusivamente restritas aos mosteiros cristãos, onde os clérigos estudavam, copiavam e traduziam os mais diversos manuscritos.
Ainda na Europa, ao longo do século X, as bibliotecas se multiplicaram, sempre associadas à Igreja ou às grandes universidades que começavam a surgir.

No Renascimento, as bibliotecas passaram a prosperar, associadas à coleções privadas e aos reinados. Nascia ali o homem liberal, a ideia de capital, mercantilismo, comércio...mudando não apenas a forma como se guardavam os conhecimentos da humanidade, mas a própria ideia da arte como um bem patrimonial.

Com a invenção da prensa móvel, em 1450, surgiu a ideia de reprodutibilidade dos livros em grandes quantidades, ampliando a capacidade de tiragem dos exemplares. E, consequentemente, as bibliotecas cresceram não apenas em número, mas na quantidade de exemplares que passaram a agregar.

No século XVIII surgiram as grandes bibliotecas nacionais, como a Biblioteca Nacional Espanhola em Madri, na Espanha ou a Biblioteca do Museu Britânico em Londres, na Inglaterra. Na França, após a Revolução, a antiga Biblioteca Real foi transformada em Biblioteca Nacional, agregando títulos de coleções privadas da nobreza e aberta ao público em geral.

No Brasil, embora os povos originários produzissem sua própria cultura e arte, a ideia de biblioteca só chegou com a colonização e instalação do governo-geral em Salvador, em 1549. Inicialmente, a produção e arquivamento dos livros ficava à cargo da Igreja, e suas diferentes ordens religiosas. Na época, os jesuítas eram os responsáveis pela educação, se ocupando essencialmente de ações de catequese e conversão das populações originárias.

Com a chegada da família Real no Brasil, muita coisa mudou. A primeira delas foi o fim das proibições de publicação de livros e jornais, instalando a liberdade da imprensa, o que permitiu o surgimento oficial de produções literárias brasileiras.

Em 1811, foi fundada a primeira biblioteca pública do Brasil, a Livraria Pública da Bahia, atualmente Biblioteca Central do Estado da Bahia, em Salvador, considerada a mais antiga da América Latina.

Em 1814, no Rio de Janeiro, a Biblioteca Real foi aberta ao público. Seu acervo era composto de obras da Real Livraria, biblioteca nacional portuguesa, uma das mais importantes da Europa à época. Hoje chamada de Biblioteca Nacional, é uma das dez maiores do mundo!

Também com a vinda da família Real para o Brasil, teve início a criação de escolas de ensino superior, mas a Educação Básica continuava restrita aos mais abastados, normalmente coordenada por clérigos.

Em 1817 foi promulgada Lei que determinava criação de escolas em todas as cidades, e em 1834 foi adicionado ato que outorgava a responsabilidade da educação primária e secundária às províncias. Ambas ações não tiveram sucesso, uma vez que as medidas não foram suplantadas com recursos financeiros e materiais.

Ao final do Império, com Dom Pedro II e início da República, entre 1861 e 1919, foram criadas Academias, cursos, escolas e deu-se início a um esforço de uma proposta de educação nacional, com grandes desafios presentes, e boa parte da população analfabeta e sem acesso à escola.

A Constituição de 1934 por sua vez ampliava a visão dos direitos do cidadão, reafirmando a educação pública, sob forte pressão e ativismo de intelectuais democratas da época.

Em 1937, o Governo Federal inaugurou o Instituto Nacional do Livro (INL), que tinha entre seus objetivos popularizar e democratizar o acesso ao livro e à leitura, com, entre outras ações, a instalação de bibliotecas em todo o país.

Ao longo da década de 1950 crescia o clamor e ativismo popular pela educação, bem como pelo direito à cultura e ao lazer.

Entre 1964 e 1985, o país entrou em uma fase sombria, onde o acesso aos livros e ao conhecimento era controlado. Sob a égide de uma ditadura civil-militar, parte significativa da população continuou sem acesso à escola.

Com o regime ditatorial em declínio e início de redemocratização, surgiram novas iniciativas de qualificação da educação e de acesso ao livro, ampliando acervos nas escolas e em bibliotecas públicas.

Em 1988 foi promulgada a nova e atual Constituição Federal do país, que reafirmava os direitos de todos e todas e fortalecia o compromisso Nacional com a educação pública e gratuita em todas as etapas. Pouco antes, em 1985, foi instituído o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que passou a permitir a participação dos professores na escolha dos títulos.

Pouco tempo depois, em 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, reafirmando os princípios e valores democráticos da escola. Nas décadas seguintes, cresceram os esforços para qualificar as escolas e bibliotecas, com, por exemplo, a Política Nacional do Livro, em 2003 e a Lei da Universalização das Bibliotecas Escolares (Lei 12244), de 2010.

Nessa época surgiram marcos fundamentais para a promoção da leitura no Brasil.

1992 - Nasce o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) que articula diferentes agentes da esfera pública e privada para a ampliação do direito à leitura, promovendo condições de acesso a práticas de leitura e de escrita críticas e criativas. É da mesma data o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP)

2006 - Nasce o Plano Nacional de Livro e Leitura (PNLL) como uma portaria que conjunta dos Ministérios da Cultura e da Educação.

Finalmente, em 2018 foi sancionada a Política Nacional do Livro e da Leitura que, como vimos na Introdução deste livro, veio para fortalecer nosso direito ao acesso e à produção escrita nas suas mais diferentes formas!

Nosso percurso foi longo! E ainda há muito pela frente, especialmente nos tempos que estamos vivendo. Em todo o mundo há uma nova fase de tensão, em que livros e o pensamento artístico e científico vêm sendo atacados. O conhecimento é sim muito poderoso, e não podemos abrir mão do nosso direito a ele, não é mesmo?

Acervos como mobilizadores de sonhos e ideias

Compreender a história das bibliotecas no mundo e no Brasil nos convida a perceber como o desenvolvimento do acervo é também um reflexo da nossa história. Pensar o que deve ocupar nossas estantes é também um reflexo e consequência da forma como estruturamos nossa sociedade e, mais ainda, do que desejamos comunicar e criar no presente e no futuro das nossas vidas.

Na perspectiva da Educação Integral, salas de leitura e bibliotecas escolares são espaços privilegiados para formar os leitores que desejamos, almejando não apenas que estes conheçam o passado, mas **possam repensar a sociedade a partir de valores compartilhados** pela comunidade escolar.

Um bom acervo é aquele que permite uma grande viagem, e diferentes percursos - por gêneros literários, temáticas e provocações das mais diferentes ordens. A literatura é um convite à **alteridade**, ao reconhecimento do outro e da diversidade da experiência humana e o acervo não apenas pode, como deve ser um espelho desta relação. Quanto mais diversa a oferta, maior a possibilidade de encontro do leitor com um livro que mobilize sua vontade de ler e acessar a produção e conhecimentos da humanidade, bem como de estimular que ele também torne-se parte dessa história, produzindo e elaborando novas obras que instigarão as gerações presentes e futuras.

“Na verdade, um livro nunca fica pronto. O leitor refaz o livro sempre, e o livro gera sempre movimento na cabeça de quem o pensou.”

Roger Mello[3]

Os gêneros literários

De acordo com a definição do filósofo grego Aristóteles, em sua obra Arte Poética, existem três grandes categorias - ou gêneros literários - que reúnem obras com traços e estruturas análogas.

O primeiro é o **gênero épico ou narrativo**, que reúne obras em que normalmente há a presença de um narrador ou uma narradora que, como o próprio nome indica, narra uma história que existe em um determinado tempo e espaço, com um determinado conjunto de personagens que desencadeiam ações, relações e diálogos. O segundo é o **gênero lírico** no qual predomina-se a experiência dos sentimentos e emoções humanas, com a valorização da musicalidade das palavras. Historicamente, o gênero vem da declamação de versos acompanhados pela lira, instrumento de cordas semelhante à harpa. E, por último, mas igualmente importante, está o **gênero dramático**, que existe associado a uma ideia de dramatização ou representação, mesmo que as obras não sejam atuadas de fato. A história é narrada a partir das ações e falas dos personagens e das interações destes com o próprio texto.

3 Trecho de entrevista “Enreduana, a primeira poeta do mundo”, publicada no Blog das Letrinhas. Disponível em: blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Enreduana-a-primeira-poeta-do-mundo

Trecho de obra

"- E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira - era uma escrava! Foi embalde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão... Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível..."

Trecho de Úrsula, da escritora Maranhense, Maria Firmina dos Reis[4].

4 REIS, Maria Firmino, Úrsula, 1988. São Paulo: Pinguin e Companhia das Letras. 1ª Edição, 2018.

Cada uma das modalidades organizadas nos gêneros diz respeito a um tipo ou forma de discurso e pode abordar diferentes temáticas, muitas vezes, entendidas como subgêneros da literatura. Por exemplo, um romance policial ou uma novela histórica.

Algumas **categorias literárias**[5]

Categoria	Definição geral	Exemplos brasileiros*
Novela	Com origem nos folhetins, a novela - como um novelo - diz de uma trama que se desenrola a partir de diferentes histórias e personagens.	Iracema, de José de Alencar Vidas secas, de Graciliano Ramos O Alienista, de Machado de Assis
Romance	Narrativa ficcional em prosa que apresenta uma trama que não necessariamente se resolve e, ao mesmo tempo, possibilita que diferentes tramas coexistam ou se intercalem. O narrador ou narradora pode estar presente, ausente ou ser um próprio personagem do texto. Ele pode ser familiar, de aventura, psicológico, de mistério, entre outros temas.	Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis Macunaíma, de Mário de Andrade A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector Pedaços da fome, de Carolina Maria de Jesus Capão Pecado, de Ferrez Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo
Conto	Narrativa breve em prosa em que há um relato de acontecimentos, sem conflitos e sem trama. É comum encontrar antologias, que reúnem contos de um mesmo autor ou de vários autores sob uma mesma temática.	Tchau, de Lygia Bojunga Nunes Não verás o pôr-do-sol, de Lygia Fagundes Telles Mais de 100 histórias maravilhosas, de Marina Colasanti

5 Adaptado de CANÔNICA, Volnei. Rotas e Redes Literárias Maranhão: Qualidade Literária para constituição do acervo. Material formativo do programa disponível em: padlet-uploads.storage.googleapis.com/609179974/46547bf7387d64a3f86a939f1e44fe57/4_Oficina_de_Acervo___Projeto_Aprendiz___Construindo_coletivamente_crit_rios_para_sele__o.pdf
Nota: *foram priorizados títulos brasileiros, à exceção de representantes da literatura de temática africana.

Crônica	Narrativa em prosa curtíssima, que não excede duas páginas e trata da realidade cotidiana; uma história que é narrada a partir de uma situação. Alguns estudiosos classificam a crônica como não-ficção. Comumente é publicada em jornais e revistas.	200 crônicas escolhidas, de Rubem Braga
Drama ou teatro	Pode ser escrito em prosa ou em verso e pode ou não ser encenado. O texto transporta o leitor para para a história, que é convidado a vivenciar as sensações, imagens e sons.	Gota d'água, de Chico Buarque e Paulo Pontes Dois perdidos numa noite suja, de Plínio Marcos A beata Maria do Egito, de Rachel de Queiroz Álbum de família, de Nelson Rodrigues.
Poesia	Texto lírico, normalmente em verso em que comumente as palavras assumem uma função estética preponderante. Não necessariamente contém rima, embora o recurso esteja bastante presente.	Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meirelles Amar se aprende amando, de Carlos Drummond de Andrade Morte e vida Severina, de João Cabral de Melo Neto A cinza das horas, de Manuel Bandeira
Livro informativo	Apresenta um texto não-ficcional e não literário, abordando uma temática ou discussão específica, como, por exemplo, uma biografia ou sobre algum movimento artístico, ou questão ambiental.	Brasil: uma biografia, de Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling Cazuza: só as mães são felizes, de Lucinha Araújo

Livro de imagens	Livro predominantemente sem palavras, que se apresenta a partir de imagens, sejam elas ilustrações, desenhos ou fotografias. Pode contar uma narrativa ou ser de natureza informativa.	Cântico dos cânticos, de Ângela Lago Bárbaro, de Renato Moriconi
Livro brinquedo	Livro que permite a brincadeira e a interatividade do leitor. São aqueles que apresentam, por exemplo, uma aba ou objeto a ser puxado, ou aberto. Normalmente associados à infância, não são necessariamente livros apropriados para bebês por poderem apresentar riscos à segurança dos bem pequenos. Embora menos frequentes, existem exemplos para jovens e adultos também.	Se eu abrir esta porta agora, de Alexandre Rampazzo
Livro de história em quadrinhos	Neste tipo de livro, as histórias são narradas por meio da linguagem dos quadrinhos, que apresentam imagens que podem ou não conter textos. A sequência dos quadros constrói a narrativa que indica uma sequência de ações ou sentimentos e sensações dos personagens. Atualmente é comum encontrar textos clássicos da literatura adaptados para a linguagem dos quadrinhos.	Maus: a história de um sobrevivente, de Art Spiegelman Daytripper, de Fábio Moon e Gabriel Bá Cachalote, de Daniel Galera e Rafael Coutinho Coleção Shakespeare em quadrinhos, da Editora Nemo Quadrinhos da Turma da Mônica, criação de Maurício de Souza

Literatura de Cordel	Texto lírico que se difere dos demais por seu foco nos elementos cotidianos e elementos da linguagem popular e oral. Originário da Europa no século XII, a literatura de Cordel popularizou-se fortemente no Brasil, especialmente no Nordeste do país, tornando-se, inclusive, um exemplo estruturante da cultura nordestina. Normalmente vem acompanhada de ilustrações de xilogravura.	Proezas de João Grilo, de João Martins de Athayde. O desertor da poesia, de Paulo Vieira, conhecido como Paulo Nó Cego O fiscal e a lagarta, de Leandro Gomes de Barros Águas primordiais, de Gonçalo Ferreira da Silva Ana e a vida: chega de andar perdida, de Bia Lopes O livrinho que era triste, de Josenir Lacerda
Literatura temática ou de origem africana	Textos em que são retratados os costumes, dialetos, vestimentas e o contexto histórico, social, cultural e geográfico de determinados povos africanos. Pode ser de autoria de um escritor africano ou não.	Terra sonâmbula, de Mia Couto. Mayombe, de Pepetela Os da minha rua, de Ondjaki Úrsula, de Maria Firmina dos Reis Quarto de despejo, de Carolina de Jesus
Literatura Indígena	Narrativa em que são retratados os costumes, dialetos, vestimentas e o contexto histórico, social, cultural e geográfico de determinados povos indígenas. Geralmente, são de autoria de escritores indígenas, antropólogos ou estudiosos.	A Terra dos Mil Povos: História indígena do Brasil contada por um índio, de Kaka Werá Jacupé Sepé Tiaraju: Romance dos Sete Povos das Missões, de Alcy Cheuiche O Karaíba: Uma história do pré-Brasil, de Daniel Munduruku Maíra, de Darcy Ribeiro

Literatura clássica ou Clássicos da literatura	Embora seja tema contencioso e de grande discussão entre os especialistas, geralmente define-se clássico como uma obra fundamental de ser acessada por todos os leitores. Dizem de grandes temas da humanidade ou de questões estruturantes para um determinado país ou cultura.	Obras de William Shakespeare Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa Iracema, de José de Alencar Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis O Cortiço, de Aluísio Azevedo Malazarte, de Graça Aranha O tempo e o vento, de Érico Veríssimo
Literatura infantil e infanto-juvenil	São livros voltados ao universo infantil e juvenil, que apresentam estruturas narrativas próprias para cada fase da infância e juventude, e respectivas capacidades leitoras ainda em desenvolvimento. Comumente, os livros infantis apresentam mais figuras do que texto e apostam em projetos gráficos lúdicos e convidativos para a infância, enquanto os voltados à juventude, priorizam o texto e apresentam enredos e projetos gráficos mais complexos.	Brincar de livro, de Emília Nuñez e Anna Cunha Cazuza, de Viriato Corrêa Amoras, de Emicida e Aldo Fabrini. Felpo Filva, de Eva Furnari Os criminosos vieram para o chá, de Stella Carr Camilão, o comilão, de Ana Maria Machado A droga da obediência, de Pedro Bandeira
Literatura de Best-sellers ou “os mais vendidos”	Livros que têm grande tiragem editorial e tornaram-se fenômenos de venda. Comumente têm enredos de fácil entendimento e versam sobre temas de interesse universal. Nas listas é sempre comum encontrar obras de auto-ajuda, não-ficção em geral, *thrillers* e suspenses e de temática romântica.	O Alquimista, de Paulo Coelho. A batalha do apocalipse, de Eduardo Spohr Sétimo, de André Vianco. Dragões de Éter, de Raphael Draccon Quando a noite cai, de Carina Rissi Não se apega, não, de Isabel Freitas Fala sério, pai, de Thalita Rebouças Comédias para se ler na escola, de Luís Fernando Veríssimo

Ou seja, cada obra pode ser compreendida a partir de diferentes perspectivas. Como exemplo, o livro "Os criminosos vieram para o chá", de Stella Carr é um livro infanto-juvenil, e também é um livro de suspense ou mistério. Já o "Cazuza: só as mães são felizes", de Lucinha Araújo, pode ser considerado tanto um livro de caráter informativo, quanto uma autobiografia.

Um bom acervo busca então apresentar uma miríade de possibilidades, levando em conta principalmente os **desejos, curiosidades e necessidades formativas e educativas do público em questão**. Entre as temáticas, é interessante observar a importância de exemplares da literatura indígena e de origem ou temática africana. Além de uma forma de observar a **Lei 10.639**, de 2003, complementada pela **Lei 11.645**, de 2008, que prevê o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, selecionar títulos de temática africana, afro-basileira e indígena apoiam os estudantes a compreender melhor o país em que vivemos e atuar proativamente na **erradicação do racismo e diferentes formas de preconceito**.

Para ler mais: catalogando o acervo!

Embora norteadora, é preciso lembrar que a organização em gêneros, temáticas e categorias é uma construção artificial, que pode seguir determinados padrões, mas fundamentalmente tem que fazer sentido para a comunidade leitora, com as suas características e interesses. É como organizar a biblioteca de casa - cada um tem um jeito, mas, em equipamentos públicos, é importante pensar em critérios de organização que sejam compreendidos por todos. Para entender melhor este e outros aspectos de organização da sala de leitura e biblioteca escolar, confira o Capítulo 5 desta publicação.

Mas, para além dos gêneros e categorias, é importante pensar sobre a **qualidade geral das publicações**. Elas foram reconhecidas em premiações da área? São recomendadas por especialistas em leitura para a faixa etária em questão? Promovem bons debates? São atraentes - têm projetos gráficos bem pensados e promovem experiência estética além de leitora? Estas perguntas mobilizam múltiplas reflexões sobre o objeto livro, bem como abrem variadas possibilidades de discussão tanto na sala de aula, quanto nas atividades da sala de leitura.

De maneira geral, o especialista em leitura e literatura Vôlnei Canônica ressalta que para escolher um livro de literatura, principal foco das bibliotecas escolares, é interessante levar em conta um enredo instigante, que priorize indagações e novos questionamentos no lugar de explicações ou reflexões diretas. Para ele, é importante que **o livro abra espaço para o contraditório, o contraste e a ambiguidade** presente, mobilizando a desacomodação e a própria surpresa do leitor.

Segundo Volnei, "por mais que nós falemos e reflitamos sobre cada página de um livro, em nenhum momento nós dizemos que esta é a interpretação certa, correta. A ideia não é que a obra produza 'pessoas boas' e sim 'pessoas que questionem'. Ao nos questionarmos sobre determinada questão, nós nos colocamos no lugar do outro, e somos estimulados a tanto refletir sobre a nossa sociedade como sobre a nossa própria

Trecho de obra

"Odiei as palavras e as amei. Espero tê-las usado direito."

Trecho do livro "A menina que roubava livros", de Markus Zusak

postura em relação às pessoas"[6], ressaltando que existe diferença entre um livro que passa mensagens e aquele que é moralista e doutrinador. A ideia, segundo Volnei, é que sejam escolhidos livros que estimulem o **pensamento crítico**, e que, na medida do possível, tenham uma narrativa verbal bem construída, que promova encantos também do ponto de vista da linguagem e que sejam atemporais.

Em relação à experiência estética da obra, vale ainda ressaltar a escolha das edições. Várias obras são reeditadas ou adaptadas para diferentes públicos, por diferentes editoras, permitindo que uma mesma obra seja experienciada de distintas formas pelos leitores. Para livros escritos originalmente em outros idiomas, é importante também pesquisar sobre a qualidade da tradução e adaptação da obra. Novamente, a consulta a especialistas, em listas de boa reputação no meio e premiações é um caminho importante de apoio nesse processo.

E o mesmo vale para outros suportes presentes na biblioteca, como jornais, revistas, filmes e áudios. Que qualidade eles têm e como eles se relacionam com a proposta pedagógica da sala de leitura ou biblioteca escolar em cada comunidade?

6 Trecho do 5º Encontro de formação em Seleção de Acervo do Projeto Rotas e Redes, implementado em 11 escolas do Maranhão, com a mediação de Volnei Canônica. Disponível em: youtu.be/WwH7MBUfp80.

Trecho de obra

"No entanto, sabia que aquilo que conseguisse ler no decurso da minha vida seria sempre e só uma trilionésima parte de tudo o que já foi escrito. Existem muitas palavras no mundo inteiro, tantas quantas as estrelas que há no céu. E são cada vez mais, e expandem-se como um espaço infinito. Ao mesmo tempo, sabia que todas as vezes que abro um livro é um pedaço do céu que se abre à minha frente e todas as vezes que leio uma frase conheço algo de novo que não conhecia antes. E tudo o que leio faz com que o mundo fique maior e eu vá alargando os meus horizontes. Num instante veloz, tinha acabado de olhar bem dentro do fantástico e mágico mundo dos livros."

Trecho do livro "A biblioteca mágica de Bibi Bokken", de Jostein Gaarder e Klaus Hagerup

Montando um acervo na perspectiva da Educação Integral

Pensar sobre os critérios de seleção das obras de um acervo não é uma tarefa simples: além de observar os critérios, é necessário estar atento às possibilidades de ampliação do acervo, seja via Programa Nacional do Livro e do Material Didático, seja via parcerias com instituições do território e institutos, fundações e equipamentos de promoção do livro e da leitura.

Paralelamente, na perspectiva da Educação Integral, foco estruturante do Rotas e Redes, é preciso pensar o acervo - assim como os demais aspectos da qualificação das salas de leitura e bibliotecas escolares -, **em diálogo com a comunidade escolar**. Quando construído em diálogo com os jovens, familiares, professores, funcionários e parceiros

Leia e descubra: Montando um júri!

No processo formativo do Rotas e Redes com as escolas estaduais do Maranhão, Volnei Canônica, que foi responsável pela formação sobre acervo, sugere que um bom exercício para auxiliar comunidades escolares na escolha e complementação do acervo das salas de leitura ou bibliotecas escolares. A ideia é simular um júri, avaliando com notas diferentes critérios estabelecidos pelo grupo, como qualidade do texto, estímulo ao pensamento crítico, fortalecimento de relações de alteridade, qualidade da imagem, qualidade da edição, entre outros. Somando as diferentes notas, dos diferentes agentes envolvidos na composição do acervo, é possível chegar a um conjunto de obras que responda às necessidades da comunidade e leve em consideração a visão individual e coletiva das pessoas do grupo.

da unidade escolar, a sala de leitura fortalece sua relação não apenas com a própria escola, mas com o território em que ela se insere.

Por isso, é preciso levar em conta e abrir espaço para a escuta atenta da comunidade, em especial dos estudantes. **O que a juventude de cada escola gosta e quer ler?** São leitores de histórias em quadrinhos? Gostam de *thrillers* e romances de aventura? Os *best-sellers* voltados à faixa etária seriam bem aceitos? Os jovens têm acesso a literatura exigida nos exames vestibulares locais?

Ao mesmo tempo, é preciso discutir com os professores, funcionários e gestão o que o **Projeto Político Pedagógico** da escola define como objetivos educativos da instituição. Quem são os estudantes que a escola deseja formar? Quais livros - e quais atividades leitoras e de produção de escrita - são necessários nesse processo? Que livros dialogam com as práticas pedagógicas que a escola realiza e/ou deseja implementar?

Para ler mais: PPP na perspectiva da educação integral

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um grande alicerce para o desenvolvimento integral dos estudantes. Na Educação Integral, este instrumento convida escolas a refletir, sistematizar e compartilhar um projeto de fato coletivo e no qual todos se responsabilizam para a educação da juventude.

Saiba mais em: educacaointegral.org.br/metodologias/como-construir-uma-politica-curricular-alinhada-a-educacao-integral

Por fim, mas não menos importante, estão os valores e **cultura local**. Que autores são representativos e melhor expressam questões de interesse do território? Que estética é produzida pelas diferentes manifestações culturais do território? Valoriza-se o "Boi", o "cordel", o "folclore" e os "folguedos" nessa comunidade? Ou há uma mistura das práticas tradicionais com a cultura jovem contemporânea, como RAP, por exemplo? Que livros fortalecem ou dialogam com esses múltiplos elementos?

É justamente **nesse encontro plural de experiências** - do corpo escolar, dos jovens e da comunidade - que reside a potência de um **acervo coletivo**, e verdadeiramente da escola e do território. Congregando essas diferentes visões de forma dialógica, a escola fortalece a capacidade de ler o mundo de todos seus estudantes e mais ainda, reforça o que Bartolomeu Campos de Queiróz defendia como papel da literatura na educação: **a capacidade de sonhar, e a partir do sonho, transformar o presente e o futuro para todos!**

Trecho de obra

"Entregou o dinheiro para sua mãe, correu para o tanque, lavou o rosto como uma forma de desabafo, como se estivesse se lavando dos olhares daquelas pessoas hipócritas. Foi para seu espaço naquela pequena casa, pegou um livrinho de bolso de faroeste e começou a ler. Era uma terapia para ele, uma forma de esquecer aquelas pessoas tão preocupadas consigo mesmas a ponto de não notarem as pequenas coisas, os pequenos momentos, que às vezes trazem tanta felicidade."

Trecho de Capão Pecado, de Ferréz.

Educação Integral e encantamento no território leitor:

práticas mobilizadoras da sala de leitura

**Este Capítulo foi construído com base nas práticas e discussões apresentadas em Território Leitor: Práticas de Mediação de Leitura na Escola, série de diálogos virtuais abertos ao público, realizadas no Projeto Rotas e Redes.*

Mediação: uma atividade dialógica

Tão importante quanto viabilizar um acervo de qualidade em um espaço agradável estão as ações educativas que aproximam e convidam a comunidade escolar e do entorno à leitura e ao universo dos livros e da literatura. Estas atividades fazem parte de uma estratégia comumente chamada de "mediação de leitura".

Como apontado pelo *Guia de Mediação de Leitura* da Fundação Itaú Social, a mediação de diz respeito à promoção de situações de apreciação, fruição, escuta e diálogo a partir dos livros e da literatura. De acordo com a publicação, "os mediadores se colocam como presença que dá voz ao texto literário e dispõe seu olhar e escuta para convidar à interação e acolher as diferentes leituras."[1]

1 Fundação Itaú Social. Guia para mediação de leitura, s/data. Disponível em: www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Guia-de-mediacao-para-leitura.pdf. Acesso em 28 de julho de 2021.

A ideia, segundo Claudileude Silva, coordenadora da Biblioteca Comunitária Prazer em Ler de São Luís (MA) e mestra em Educação pela Universidade Federal do Maranhão, a mediação é uma relação dialógica, um encontro que permite criar pontes entre leitores e a atividade social e cultural da leitura. Ideia reforçada por Beto Silva, mediador de leitura e especialista no tema, que explica que a mediação segue um tripé estruturante: o conteúdo do livro, o conteúdo ou experiência de vida e visões do mediador e o conteúdo e leituras de mundo dos participantes da mediação.

Para ambos especialistas, a mediação da leitura é um ato de escuta profunda e sensível dos participantes, convocando-os a estabelecer uma relação com o livro que se estenda ao longo da vida. Para Beto, somos todos leitores em formação, com maior ou menor grau de relação com os livros. Dessa forma, ele vê na escola um duplo papel - o de estimular a leitura e a escrita como atividades pedagógicas, caras ao processo educativo como um todo e o de estabelecer pontes com a comunidade que viabilizem a leitura para fora dos muros da escola. "A ideia é que elas sejam concebidas como ação cultural, para além de serem meios para atingir um determinado objetivo. É a leitura como o próprio fim em si mesma, em que a leitura em si seja o objetivo", justifica o mediador.

Leia e descubra: Todos são mediadores de leitura!

Uma vez que a mediação é o ato de aproximar o leitor dos livros, é possível que os mais diferentes perfis e agentes assumam essa função na vida dos estudantes: bibliotecários escolares ou não, professores, familiares, escritores, contadores de história e os próprios jovens! Investir em processos em que jovens se tornam agentes de mediação pode colaborar muito para transformar toda a escola em uma comunidade leitora.

Na escola, a leitura assume caráter fundamental, próprio da excelência pedagógica. Portanto, segundo Claudineide, é fundamental que tanto a leitura quanto a escrita sejam transdisciplinares e integradas aos diferentes componentes curriculares, rompendo com os já tradicionais "momentos de leitura na escola", e assumindo a leitura como um "movimento vivo", integrada ao planejamento pedagógico de todas as áreas do conhecimento e da própria unidade escolar.

"É preciso repertoriar os alunos que a atividade de leitura não deve se encerrar quando finda a experiência da educação formal. É preciso formar leitores para a vida"

Beto Silva, mediador de leitura, especialista em formação de mediadores.

Isso significa que a leitura não deve apenas estar atrelada a uma discussão avaliativa, ou focada, em especial no Ensino Médio, na leitura das listas de obras e dos movimentos e discussões literárias requeridas pelos exames vestibulares e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Segundo Beto, "é preciso repertoriar os alunos que a atividade de leitura não deve se encerrar quando finda a experiência da educação formal. É preciso formar leitores para a vida".

Escuta e protagonismo juvenil na mediação

Entendendo então a mediação como uma relação dialógica que prevê como insumo fundamental a escuta sensível e atenta dos participantes e seus repertórios, como ponto de partida, é preciso que a escola - concebendo desde o seu PPP aos professores da sala de leitura e professores da sala de aula - possa compreender o que seus jovens desejam e gostam de ler e suas visões sobre o que a leitura significa.

Ao apresentá-los às narrativas literárias é importante não apenas criar pontes com o cotidiano e realidades em que vivem, mas reconhecer a enorme diversidade de experiências e subjetividades que emergem em contato com a narrativa literária. Para reconhecer essa multiplicidade de possibilidades de encontro com o texto literário é preciso também reconhecer as várias juventudes que existem dentro da escola. Certamente, em um processo de **escuta ativa** dos jovens será possível perceber distintos graus de experiência leitora - quanto, porque e como leem os estudantes - além de compreender os gêneros e temáticas que os mobilizam.

Como segundo ponto fundamental para estabelecer uma relação de mediação está romper com a ideia que há um certo ou errado para discutir uma determinada narrativa. Os mediadores podem e devem abrir espaço para as diferentes interpretações do texto, convocando os estudantes a se

relacionarem abertamente com ele. A escuta então segue como fio condutor do processo, **garantindo aos jovens espaço para sua voz** e oferecendo à escola a possibilidade de criar um **itinerário de formação leitora** que de fato engaje os estudantes.

Para Beto, em diálogo com as premissas da Educação Integral, reconhecer a centralidade do estudante significa pensar o texto literário com ele e não para ele. Dessa forma, as práticas de mediação da leitura devem favorecer o protagonismo do estudante no processo pedagógico, identificando sua capacidade autoral e leituras de mundo.

> *"A escola tem um papel muito importante que é compreender as muitas juventudes que existem dentro da instituição. (...) Quando começamos um trabalho de formação de leitores, em especial com jovens, precisamos partir daquilo que eles têm interesse. Mais do que um gênero literário, é preciso descobrir nas conversas com eles, que temas, conteúdos que fazem os olhos deles brilharem para que possamos pensar nas travessias entre estes temas com livros que possam ser bons representantes para essa articulação."*
> *Beto Silva, mediador de leitura e especialista em mediação.*

Ao mesmo tempo, é importante que as práticas de mediação possibilitem encontros dessas múltiplas visões em debates coletivos, viabilizando que não apenas o jovem expresse

suas opiniões e leituras, mas escute e dialogue com as de seus colegas. Incentivar a capacidade de escuta dos jovens também convida-os a atuarem como mediadores de leitura na escola e fora dela, impactando positivamente para uma cultura leitora no cotidiano da vida desses jovens e seus colegas e familiares.

Ao mesmo tempo, é muito importante abrir espaço para que a **palavra literária autoral dos jovens** ganhe espaço na escola e na comunidade. Isso significa que a escola pode e deve reconhecer as produções dos jovens - poesias, prosas, reflexões das mais diversas ordens e gêneros - dando espaço para que elas sejam compartilhadas na instituição e comunidade: saraus, rinhas e batalhas de poesias e impressão de coletâneas dos trabalhos autorais dos estudantes são algumas das muitas práticas possíveis para contribuir com o protagonismo do jovem em sua trajetória leitora.

Mediação e território

E é justamente nesse sentido que reconhecer as diversidades e singularidades das juventudes implica também em reconhecer e fortalecer o elo da escola - e dos estudantes - com a comunidade, território e suas próprias famílias. A mediação de leitura tanto viabiliza encontros de valorização da leitura e dos livros para além do equipamento escolar

Trecho de obra

"A professora pedia e a gente levava,
achando loucura ou monte de lixo:

latas vazias de bebidas, caixas de fósforo,
pedaços de papel de embrulho, fitas,
brinquedos quebrados, xícaras sem asa,

(...)

Tudo o que nascia ganhava nome, pais,
casa, amigos, parentes e país.
E nasceram histórias de rir ou de arrepiar!

E a escola virou morada de inventor!"

Trecho do poema Morada do Inventor, de Elias José.

quanto viabiliza que a escola receba os conhecimentos, interpretações e experiências do território, garantindo que a palavra e o texto ganhem maior aderência na vida do estudante e da própria unidade escolar.

Para ler mais: O território no processo de mediação de leitura

Para entender mais sobre as múltiplas discussões que envolvem a escola, a biblioteca e o território, vale ler a publicação "Mediação: cultura, leitura e território", que congrega diferentes textos de especialistas. Acesse em: siseb.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/NB12-MediACAO-web.pdf

Dessa forma, reforça-se a **relação dialógica da leitura**, assumindo também uma interlocução entre a escola e o território, que reconhece e fortalece a memória e a vida democrática do tecido social. A congregação entre os saberes e experiências da comunidade e da escola fortalecem a capacidade de diálogo e de valorização da diversidade presente em cada lugar.

"Os modos como se resolvem as complexas práticas da leitura e da escrita estão arraigados no processo histórico de cada comunidade, isto é, o cruzamento social, político e cultural vai imprimindo suas marcas perenes através do tempo, moldando determinados modos de exercer a mediação, a transmissão; construindo uma cultura particular em torno da relação com os livros e a leitura."
María Emilia López, pedagoga argentina, e especialista em Educação Infantil e Literatura Infantil[2].

"A escola deve responder ao desafio compartilhado de formar uma cidade leitora, um estado leitor e finalmente um país de leitores."

Claudileude Silva, coordenadora da Biblioteca Comunitária Prazer em Ler de São Luís (MA), mestra em Educação pela UFMA.

Para Claudineide, a escola é uma potente catalisadora de territórios leitores e junto aos demais agentes sociais, deve responder ao "desafio compartilhado de formar uma cidade leitora, um estado leitor e finalmente um país de leitores". Para tanto, é preciso atuar com uma gama diversa de atividades de mediação de leitura, tendo como pressuposto as portas abertas das salas de leitura e bibliotecas escolares: do empréstimo de livros às atividades de contação de história aos saraus e até a propostas criativas como piqueniques literários, "uma noite na biblioteca", leitura de porta em porta, entre outras.

2 Trecho de Marilena, Nakano; Paulo Endo; Eliana, Yunes... [et al.] Mediação: cultura, leitura e território. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, Unidade de Difusão Cultural Bibliotecas e Leitura, SP Leituras 2019. Disponível em: siseb.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/NB12-MediACAO-web.pdf. Acesso em: 28/07/2021.

Com base na série virtual de debates "Território Leitor: Práticas de Mediação de leitura na escola", parte integrante da formação realizada no Projeto Rotas e Redes Literárias no Maranhão e a partir de ações desenvolvidas pelas escolas participantes da iniciativa, selecionamos algumas práticas de mediação.

Leia e descubra: Acessibilidade como premissa

Embora existam práticas específicas para envolver as pessoas com deficiência nas atividades de mediação de leitura, na perspectiva da Educação Integral, a acessibilidade deve ser uma premissa. Sempre que possível é importante viabilizar livros e materiais que permitam a leitura inclusiva em outras linguagens - para além do texto - que permitam o envolvimento e participação de todos, independentemente de suas diferenças. Como dica, é possível utilizar bancos de obras adaptadas para outras linguagens como o da Oscip Mais Diferenças (maisdiferencas.org.br/biblioteca/livros) ou o da Rede de Leitura Inlcusiva (novo.redeleiturainclusiva.org.br).

A ideia é que elas não sejam uma receita de bolo, a ser seguida passo a passo, e sim uma inspiração para a criação da atividade pedagógica das salas de leitura e bibliotecas e seus agentes, bem como para os professores, funcionários, estudantes e parceiros desses vários e diversos territórios leitores. A ideia é abraçar o convite à imaginação e partir de práticas sistematizadas para a criação e implementação de propostas que de fato respondam às necessidades, características e desejos da comunidade escolar!

Práticas de mediação de leitura

Carrinhos ou estantes móveis de leitura

O que é? Estratégia de viabilizar o acesso e mobilidade nos livros da escola, os carrinhos são estantes móveis que percorrem o espaço escolar com uma amostra do acervo da sala de leitura e biblioteca. Essa amostra deve ser trocada periodicamente e pode explorar efemérides e temáticas, como "dia nacional do Bumba meu Boi", "dia das bruxas", "dia do saci", "mês da consciência negra", "mês da luta da mulher", entre outras.

Para que serve? A proposta visa estimular a permanência e presença dos livros no espaço escolar, ampliando a permeabilidade do objeto no cotidiano e facilitando o acesso dos estudantes ao livro.

Como funciona?

1. Mapear e definir os pontos de interesse para localização das estantes móveis, incluindo um planejamento de itinerário e a quantidade de estantes a serem viabilizadas para a iniciativa. *Por exemplo, quatro estantes, sendo três destinadas às salas de aula, uma para cada ano do Ensino Médio, e uma fixa na área de refeitório. As estantes móveis de sala de aula deverão percorrer as salas de aula, ficando dois dias em cada sala. O acervo será trocado a cada 45 dias.*
2. Definir a política de utilização das estantes móveis, em diálogo com a política e guia de procedimentos técnicos e de gestão da sala de leitura da escola: será permitido

o empréstimo dos livros? Como a comunidade escolar fará o registro do empréstimo? Onde deverá ser realizada a devolução dos livros? Quem ficará responsável por monitorar os livros no processo de empréstimo? É possível que jovens sejam eleitos como guardiões dos livros, assumindo a responsabilidade de zelar pelas estantes a cada troca de acervo?

3. Definir a agenda de disponibilização de acervos: todas as estantes móveis terão os mesmos exemplares? Haverá uma agenda temática para escolha do acervo? Como será feita a divulgação da troca de acervo? Como os professores poderão apoiar a utilização dos acervos? *Por exemplo, é possível fazer um mês dedicado à leitura de "grandes histórias de amor" e convidar os professores de diferentes a pensarem em atividades pontuais, sequências didáticas ou projetos envolvendo o tema: o professor de biologia pode propor um desafio sobre como o cérebro impulsiona a produção de hormônios quando alguém se apaixona ou o professor de língua inglesa pode propor a tradução de músicas de amor para o português - claro, com direito à apresentação das turmas!*
4. Montar ou adaptar uma estante pequena com rodas ou carrinho que permita o acesso fácil e organizado aos livros.
5. Apresentar a proposta, políticas de uso e agenda prevista para toda a comunidade escolar.
6. Avaliar periodicamente a proposta, abrindo sempre que possível espaço para que os jovens contribuam com a pro-

gramação dos carrinhos e ofereçam sugestões de como eles podem ser melhor aproveitados na comunidade escolar.

Dicas: Os carrinhos podem ser importantes parceiros do trabalho pedagógico na escola, favorecendo a integração das disciplinas em projetos compartilhados, que envolvam toda a comunidade escolar. Ao mesmo tempo, são excelentes opções para pensar a participação juvenil na mediação de leitura, tanto na preservação e guarda dos acervos móveis, quanto no estímulo à leitura, como embaixadores das temáticas trabalhadas pelos livros selecionados.

"A literatura tem que estar na cesta básica.
Claudileude Silva, Pedagoga e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Maranhão. Integro os coletivos da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias - RNBC e o Coletivo Mulheres Negras da Periferia.

Sarau aberto à comunidade

O que é? Estratégia para envolver a comunidade escolar e do território, o sarau reúne apresentações de estudantes e demais membros da comunidade no compartilhamento de obras literárias de sua autoria ou de autores publicados. Eles podem ser temáticos, abordando uma questão de interesse da escola ou território ou em comemoração a alguma data ou efeméride. Na ocasião, pessoas da escola ou comunidade apresentam a uma plateia a leitura de textos em diferentes gêneros.

Para que serve? A prática tem como foco o compartilhamento de produções da comunidade escolar e território - seja com textos autorais ou de autores publicados -, valorizando o sentimento de pertencimento e relação com o texto. A proposta pode ser uma boa oportunidade para incentivar o protagonismo discente, convidando os jovens a se responsabilizar pela organização do evento, atuando desde a comunicação do mesmo às apresentações em si. Ao assumir uma determinada temática, os saraus se tornam oportunidades interessantes para mobilizar os envolvidos em relação a uma questão cara ao grupo e à sociedade, como por exemplo, os impactos do racismo e a luta antirracista no país e na literatura, a valorização da cultura local, a importância da diversidade de gênero e sexualidade no Brasil, entre tantos outros.

Como funciona?

1. Propor coletivamente uma agenda na comunidade escolar para realização do evento ou sequência de eventos, como uma atividade bimestral, por exemplo.
2. Discutir e definir os objetivos do sarau: apresentar as produções discentes, discutir e ler coletivamente autores consagrados, mobilizar a comunidade escolar e do entorno sobre uma determinada questão etc.
3. Definir o tema e o título do evento, bem como as informações de data e local. *Esta é uma excelente oportunidade para que os jovens assumam o protagonismo, organizando com o apoio da direção, professores e funcionários a organização da atividade.*

4. Convidar os expositores do sarau: quem irá compartilhar os textos. *Haverá música para acompanhá-los, por exemplo? Qual será a ordem de apresentação?*
5. Divulgar o evento na escola e comunidade.
6. Realizar o sarau.
7. Avaliar o processo: todos se envolveram? A temática escolhida foi pertinente para os participantes, envolveu-os como esperado pelo grupo organizador? A participação foi adequada? O que pode ser melhorado em eventos futuros?

Dicas: No processo de avaliação é muito importante envolver os jovens, tanto os que participaram ou contribuíram com a organização quanto os que foram público da ação. Compreender o processo de planejamento, realização e avaliação de uma atividade é fundamental para o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à vida em coletivo.

Trecho de obra

"(...)

É tempo de ninguém se soltar de ninguém,
mas olhar fundo na palma aberta
a alma de quem lhe oferece o gesto.

O laçar de mãos não pode ser algema
e sim acertada tática, necessário esquema.

É tempo de formar novos quilombos,
em qualquer lugar que estejamos, (...)"

Trecho de Tempos de nos aquilombar,
de Conceição Evaristo.

Clube de leitura

O que é? Estratégia para engajar a comunidade escolar na leitura de textos de interesse do grupo, o clube de leitura é uma reunião para discussão de um determinado livro ou texto de interesse do coletivo. Após um período destinado à leitura individual do texto ou livro, os participantes são convidados a trazer suas impressões e questionamentos sobre a obra no espaço coletivo. A atividade pode ser mediada por um responsável ou pode ser autogestionada.

Para que serve? A proposta visa simultaneamente engajar os participantes na leitura de uma determinada obra, corresponsabilizar o grupo pelo acordo coletivo - em que todos tem um prazo para ler o texto escolhido - e fortalecer a participação e capacidade de escolha e negociação do grupo na decisão do texto a ser lido coletivamente.

Como funciona?

1. Convidar interessados a compor um Clube do Livro, com reuniões periódicas determinadas. *É também possível montar vários clubes simultâneos, organizados por temáticas ou gêneros literários, por exemplo. Um grupo de HQs, um grupo de romances de aventura, um clube de mistério... sempre, claro, a partir dos interesses dos participantes.*
2. Selecionar uma lista de livros disponíveis na sala de leitura ou biblioteca escolar e que sejam facilmente acessados em bibliotecas públicas. Para o clube, é interessante que haja exemplares suficientes das obras para serem

acessadas pelos estudantes. *Porém, os exemplares não precisam estar todos na escola - é possível mobilizar bibliotecas públicas e comunitárias ou ainda viabilizar projetos com parceiros locais para consegui-los.*

3. Acordar coletivamente um tempo para a leitura do livro. No caso do grupo envolver apenas estudantes, é possível estipular um tempo de aula destinado à leitura da obra, que pode ou não ser realizada coletivamente.

4. Agendar a reunião para discussão da obra. É possível combinar várias reuniões para um mesmo livro - uma reunião a cada dois capítulos, por exemplo - ou uma reunião ou conjunto de reuniões após a conclusão da leitura por todos os participantes.

5. Realizar a discussão do texto. A atividade pode ser mediada por um professor, por um estudante, pelo coletivo todo presente, de forma autogestionada, por um grupo de pessoas ou ainda por mediadores que realizem rodízio de mediação a cada reunião. Independentemente do formato, a mediação deve focar na escuta atenta e espaço para fala de todos os que desejarem, ter como foco a obra escolhida, mas abrir espaço para questões que emerjam a partir dela e ser um momento de prazer para os envolvidos, sem que haja pressão para que todos tenham que emitir opiniões ou compartilhar suas impressões.

6. Avaliar a atividade: os participantes se engajaram? O tempo para leitura do texto foi adequado? Todos conseguiram acessar com facilidade a obra escolhida?

Dicas: A atividade pode envolver participantes do território, como uma atividade extra-classe, na sala de leitura ou biblioteca, por exemplo. Os interessados da escola e da comunidade podem participar juntos da proposta. Outra ideia é fazer grupos abertos por tema, facilitando que se consigam exemplares dos textos para todos os participantes. A atividade é também uma excelente oportunidade para utilizar obras em domínio público, disponíveis para acesso, *download* e impressão. Por fim, os clubes de leitura podem ser boas oportunidades para convidar os estudantes a discutirem textos mais desafiadores, como os clássicos da literatura, abrindo espaço para que coletivamente os jovens tracem paralelos entre os assuntos tratados na obra e a vida e cotidiano contemporâneos.

Para ler mais: Tertúlias dialógicas

Uma metodologia bastante interessante para condução de rodas de apreciação sobre textos literários são as tertúlias literárias, formato de tertúlia dialógica voltado aos clássicos da literatura. Saiba mais em: educacaointegral.org.br/especiais/praticas-pedagogicas/praticas/tertulias

"Como devemos pensar que todos tenham tempo para a leitura e o direito à leitura? Nós trabalhamos especificamente com as pessoas com deficiência, mas temos clareza de que estamos trabalhando com todos! Nós só não nos esquecemos das pessoas com deficiência. O que temos feito e os encontros junto ao livro e à leitura é a possibilidade de estarmos todos juntos em nossas diferenças."
Carla Mauch, pedagoga e diretora geral da OSCIP Mais Diferenças

Mediação de leitura inclusiva e acessível

O que é? Baseada nos estudos de Vygotsky, a contação de história inclusiva reconhece o desenvolvimento das pessoas a partir das relações que cada um vivencia no decorrer da vida, a partir de múltiplas interações que se estabelecem em diversos contextos. Dessa forma, estabelece-se que o educando com e sem deficiência se beneficia de mediações intencionais que favoreçam o desenvolvimento de cada indivíduo, reconhecendo as singularidades de cada um e do coletivo. Em suma, a prática prevê que o mediador, responsável por narrar a história, parta das necessidades específicas dos participantes. Ou seja, no caso de um participante cego, busca-se utilizar suportes - objetos, texturas, sons, cheiros - que o ajudem a materializar a história.

Como apresenta o guia de *Práticas Pedagógicas para a Educação Integral*, do Centro de Referências em Educação Integral e parceiros, "a narração das histórias acontece com suporte de recursos multissensoriais, manipulativos e digitais, que

respeitam e valorizam os diferentes ritmos e os percursos de aprendizagem de cada estudante, promovendo a colaboração e a mediação entre pares."

Para que serve? A prática reconhece a mediação como uma importante intervenção pedagógica que estabelece a intencionalidade de incluir cada participante - e, portanto, o coletivo - no processo compartilhado de vivência da história a ser narrada. Os diferentes suportes - preferencialmente pensados a partir do Desenho Universal para Aprendizagem - estimulam a participação não apenas do participante com deficiência, mas oferecem diferentes formas de aprender e vivenciar a narração a todos do grupo. Estratégia importante de personalizar a experiência, a prática ainda viabiliza o trabalho colaborativo e respeito, valorização e integração das diversidades no cotidiano escolar.

Como funciona?

1. Em grupo, inicialmente, é interessante estudar coletivamente o conceito e a prática do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), técnicas, estratégias e materiais flexíveis voltados aos diferentes perfis de aprendizagem e de interação. É interessante ler também sobre deficiência e identificar onde é possível encontrar para uso, compra ou empréstimo materiais de apoio à leitura acessível. Existem diferentes portais e organizações que reúnem materiais desta natureza, como a Rede de Leitura Inclusiva, já citada nesta publicação.

2. Definam o livro a ser lido e experienciado por todos, ou adapte as propostas de contação, leitura e mediação de histórias a partir do DUA e das premissas de inclusão e acessibilidade.

3. Sempre que possível desenvolvam coletivamente os recursos inclusivos para a mediação de leitura desejada. Uma história que se passa no campo, por exemplo, pode ganhar potes com diferentes temperos, grama, flores, que produzam os aromas apresentados no texto. Um conto que fala do "toque sensível de um cobertor" pode ganhar pedaços de lã para ser tateado. Ou uma história que se passa à beira-mar pode ganhar um áudio complementar com barulho das ondas e gaivotas.

4. Envolva os estudantes nos processos anteriores, convidando-os a pensar juntos diferentes suportes de apoio e formas de vivenciar as histórias.

5. No encontro ou atividade em questão, garanta um momento inicial para que todos possam explorar os recursos livremente, buscando ao máximo respeitar os tempos de cada um.

6. Inicie a narrativa da história, convidando os participantes a explorarem os recursos disponíveis, estimulando a colaboração e compartilhamento de todos, com e sem deficiência.

7. Busque perceber se os participantes estão vivenciando as funcionalidades auditiva, visual e proprioceptiva/sensorial ao longo da leitura. Ajude os estudantes a

fazer conexões entre as experiências e sensações com o texto literário, apoiando-os a compreender conceitos e a própria história.

Dica: Peça ajuda das equipes de Atendimento Educacional Especializado (AEE) do estado e município e sempre que possível transforme as atividades de leitura em momentos de interação com a comunidade do entorno, convidando pessoas com deficiência que raramente encontram oportunidades para vivenciar experiências leitoras inclusivas.

Para saber mais: Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)

O Desenho Universal para a Aprendizagem estabelece um conjunto de práticas, ferramentas e materiais que reconhecem como cada pessoa aprende de forma singular e em diferentes ritmos. Acesse em: diversa.org.br/artigos/o-que-e-desenho-universal-para-aprendizagem

***YouTube* Literário**

O que é? Unindo a experiência digital das redes sociais, muito cara aos jovens contemporâneos, a proposta é convidar os estudantes a desenvolverem um canal de vídeos no *YouTube* em que eles produzam peças audiovisuais para compartilhar os livros que leram, aprendendo a sistematizar e compartilhar suas visões sobre a obra.

Para que serve? A proposta une a linguagem das redes sociais à experiência de vivenciar o texto literário, estimulando a capacidade de autoria dos estudantes. Ao convidar o jovem a pensar sobre determinada obra e trazer sua apreciação dela aos demais, o estudante precisa mobilizar uma série de habilidades: a transcrição da narrativa, a sistematização de sua relação e sentimentos em relação à temática e ao livro em si, a pesquisa para contextualizar o assunto ao espectador, entre outras. Paralelamente, o jovem é convidado a fazer uso das ferramentas digitais e das redes sociais para finalizar sua proposta: da elaboração e edição do vídeo em si à publicação e configuração do canal que irá recebê-lo.

Como funciona?

1. Convide os estudantes a escolherem um livro individualmente ou em grupos, a depender do tamanho da turma e disponibilidade de tempo na disciplina. É possível ainda trabalhar de forma interdisciplinar reunindo diferentes professores ou como uma atividade envolvendo toda a escola. É possível estabelecer um tema ou tipo de narrativa para ser discutida. *Um caminho que pode ser bem divertido e capaz de respeitar a diversidade dos estudantes é pedir que os jovens se dividam em grupos a partir dos interesses: romances policiais, aventuras, quadrinhos, thrillers e suspenses, terror...*

2. Após a leitura do livro, estimule que os jovens criem um Canal de vídeos no *Youtube* em grupos ou individualmente, a depender da configuração inicial da atividade.

Pode ser interessante criar um canal coletivo, reunindo as produções da turma.

3. Apresente exemplos de Canais e perfis do *Youtube* dedicados ao compartilhamento de livros. Existem vários, com diferentes temáticas e abordagens! *Boas dicas são o Projeto Vá Ler um Livro, de Tatiany Leite, que inclusive promove leituras coletivas online e as Youtubers Bel Rodrigues, que tem uma linguagem jovem e engajadora para a juventude e Tatiana Feltrin, que também é professora de inglês e costuma unir de forma interdisciplinar a literatura e o ensino e prática da língua inglesa.*

4. Por fim, combine com a turma como os vídeos serão produzidos. Se serão feitos na própria escola ou como atividade para casa; se haverá apoio de outros professores, acesso ao laboratório de informática etc.

5. Com todos os vídeos produzidos e publicados, estipule uma avaliação coletiva. A turma pode participar "dando likes" nos vídeos, e comentando as produções como espectadores virtuais da proposta. *Vale convidar os familiares, outros professores e parceiros da comunidade para conferirem e apreciarem as produções dos estudantes!*

Dica: Além do *YouTube*, é possível estimular a produção de canais e peças para outras redes sociais como *Instagram* e *TikTok*. Um bom caminho é definir com a própria turma em qual rede eles gostariam de participar da atividade.

"A criatividade passa necessariamente pela participação. Só quando participamos ativamente podemos ser criativos. E para isso precisamos criar exercícios colaborativos e a escola é um espaço privilegiado para isso, onde todos nos olhamos de uma forma horizontal, e onde todos nos conhecemos e nos reconhecemos!"
Javier Betemps, sócio-fundador da Associação Sociocultural Atrevida, iniciativa pedagógica e editorial que visa promover a cidadania e o desenvolvimento de crianças e adolescentes por meio da livre criação artístico-literária[3].

Formação de mediadores de leitura para a comunidade

O que é? A atividade combina duas etapas: uma primeira de formação de jovens interessados a realizar a mediação de leituras, compartilhando estratégias para leitura coletiva e apresentação do texto literário (ler o texto em voz alta, dar vozes distintas aos personagens, apresentar as imagens presentes etc.) e apoiar os jovens a atuarem como mediadores em suas casas ou espaços da comunidade.

Para que serve: A proposta é promover o acesso qualificado do acervo da sala de leitura ou biblioteca da escola a tanto estudantes quanto pessoas da comunidade, fortalecendo o vínculo da escola com seu território e a ideia de uma comunidade leitora. Ao participar da iniciativa, o jovem desenvolve comportamentos leitores, amplia seus conhecimentos sobre

3 Território Leitor: Práticas de mediação de leitura na escola. Escrita criativa e produção literária de jovens. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=RUWAcYERZKI&t=184s

livros, autores e temáticas por eles abordadas e fortalece seu pertencimento à comunidade, estimulando sua valorização e reconhecimento no tecido social local.

Como funciona?

1. Inicialmente, identifique e liste espaços da comunidade interessados em receber atividades de mediação de leitura em parceria com os jovens estudantes: bibliotecas comunitárias, escolas e creches municipais, outras escolas de Ensino Médio, parques e equipamentos da prefeitura, como centros de atividades da Assistência Social, por exemplo. Em reuniões, pergunte se familiares teriam interesse em receber os mediadores em suas casas, anotando suas informações de contato.

2. Com a lista em mãos, organize uma proposta de agenda e rotina das atividades: a mediação aconteceria semanalmente? Mensalmente? Quantos jovens participariam na configuração estipulada? Como será a organização da atividade? *Não se esqueça dos trâmites burocráticos, como autorização para saída dos estudantes, passagem em caso de utilização do transporte, lanche ou merenda caso o jovem fique mais tempo na escola, a confecção de certificados de participação na iniciativa etc.*

3. Em seguida, apresente a proposta para os estudantes e na sequência apresente uma proposta e agenda de formação da turma em mediação de leitura.

4. Na formação, organize encontros de acordo com as necessidades da turma: um ou dois momentos iniciais,

que apresente as técnicas e ferramentas de mediação e uma sequência de outros encontros de monitoramento, trabalhando a partir das dúvidas e rotina dos estudantes mediadores já em atividade.

5. Apresente o acervo da sala de leitura e combine com os jovens mediadores os melhores livros para serem trabalhados em cada situação. É importante convidá-los a experimentar diferentes gêneros e temáticas e a, assim como você na condição de mediador e formador, estar aberto e atento aos gostos e necessidades dos públicos com os quais irão trabalhar. Sempre que possível, leia os livros com os estudantes, discutindo os melhores caminhos de apresentação dos textos em questão. Alterne as funções de leitor e ouvinte com os jovens e entre eles, discutindo e destacando os pontos que forem necessários para a segurança da turma na condução das atividades.

6. Nos encontros de acompanhamento, crie momentos de avaliação da experiência e autoavaliação do jovem mediador, para que ele possa apresentar suas dúvidas e necessidades de apoio.

7. Registre em um diário de bordo a experiência dos estudantes e convide os jovens a fazerem o mesmo. Colha depoimentos dos parceiros participantes e de outros professores e colaboradores da iniciativa.

8. Compartilhe os resultados periodicamente, fortalecendo a identidade dos mediadores como braços da escola na comunidade.

Dica: Busque o apoio de bibliotecas públicas ou comunitárias da região tanto para a formação dos jovens, quanto para acompanhamento dos mesmos! Fique atento e encontre sua rede local na Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias: rnbc.org.br e no Mapa de Bibliotecas do Governo Federal: bibliotecas.cultura.gob.br

"Precisamos fazer do livro uma coisa prazerosa, um companheiro de vida, e não um escravo seu e você escravo do livro, como algo obrigatório."
Pedro Corrêa, criador do perfil @caisdaleitura[4].

Oficina de escrita criativa

O que é? A atividade que pode ser pontual ou contínua consiste em convidar os estudantes e comunidade a exercitarem a leitura e a escrita de textos, sem obrigatoriedade ou foco em exames e avaliação. A ideia é estimular a criatividade e a apreciação compartilhada das produções do e no coletivo. As oficinas podem ser totalmente livres ou seguir temáticas distintas, seja sobre um determinado subgênero como "poesias" ou "contos" ou sobre um assunto norteador, como "a mulher na sociedade contemporânea" ou "cultura de paz".

Para que serve? A ideia é estimular a criatividade dos participantes, bem como a capacidade de apreciação e crítica

4 Território Leitor: Práticas de mediação de leitura na escola. Leitura nas redes. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=xvgGbecZAO4&t=2090s

dos textos produzidos, exercitando a solidariedade, respeito e camaradagem no grupo. Ao envolver parceiros externos, como familiares ou participantes da comunidade, a prática ainda fortalece o vínculo da escola no território e amplia a atuação da sala de leitura e biblioteca no território. Quando focada em uma temática específica, os participantes são convidados a refletir sobre o tema, trocando impressões e ampliando seu vocabulário e repertório no assunto.

Como funciona?

1. Estruture uma proposta de oficinas, definindo se serão voltadas apenas aos estudantes ou abertas aos demais membros da escola e/ou comunidade? Qual será a periodicidade dos encontros? Os encontros versarão sobre determinadas temáticas ou tipos de texto? Haverá um total de encontros previstos ou serão atividades pontuais? O participante deverá estar em todos os encontros ou poderá participar de acordo com o interesse e disponibilidade?
2. Com a proposta definida, divulgue-a ao público escolhido.
3. Estruture um formato para os encontros - ação que pode, inclusive, ser compartilhada com os participantes na primeira reunião. É importante definir se os participantes irão escrever na própria atividade ou se será feito no intervalo entre os encontros, qual será a rotina de leitura e compartilhamento das produções etc. Vale investir em momentos iniciais da oficina focados em estudar o gênero ou subgênero narrativo ou temática

em questão. Apresente um resumo do assunto e convide os participantes a interagir com a sua explanação. É interessante combinar exercícios curtos na atividade com reflexões ou produções mais densas a serem realizadas nos intervalos das atividades, bem como estimular produções individuais e coletivas.

4. Aproveite o acervo da sala de leitura ou biblioteca, traçando relações sempre que possível entre as produções das turmas e estilos, tipos de textos e autores das obras disponíveis no espaço.

5. Mantenha um diário de bordo da experiência, convidando os participantes a também registrarem suas percepções.

6. Ao final da oficina ou ciclo de oficinas, avalie a proposta com os participantes e faça alterações, caso necessário, em próximas edições.

7. Por fim, sempre que possível, especialmente em oficinas que se repitam ou durem um certo tempo, invista em um evento de culminância, compartilhando as principais produções, seja em um sarau, seja na impressão de um livro ou confecção de um *blog* da turma.

Dica: Além do apoio das bibliotecas públicas e comunitárias da região, vale convidar escritores, ilustradores, rappers, folcloristas, cordelistas e outros artistas locais. A presença e participação desses agentes estimula a criatividade da turma e pode favorecer a criação de redes leitoras e de produção artística local.

Trecho de obra

“

[...]

MEUS AMIGOS MATARAM POR NADA

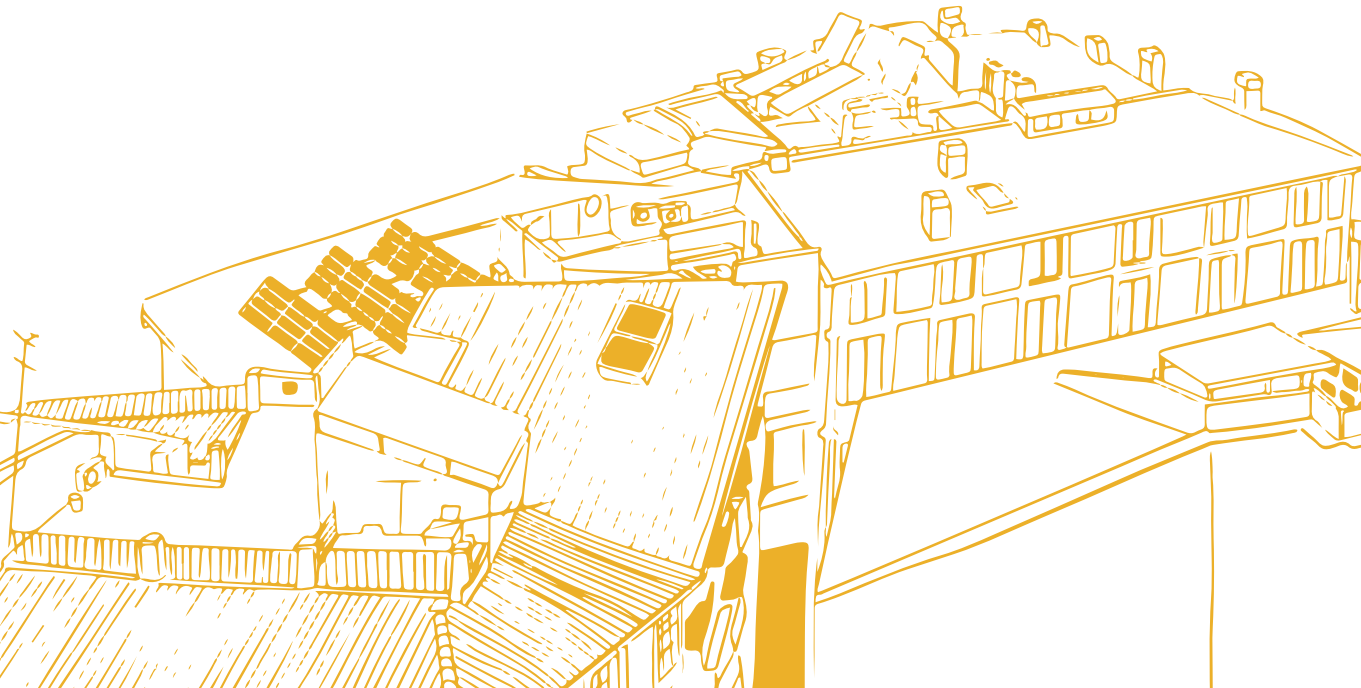
MINHA MÃE REZA QUANDO EU SAIO DE CASA

PERMISSÃO PRA ANDAR NESSA MADRUGADA

PONTO QUARENTA PISTOLA CROMADA

TEU SORRISO É CULPADO DE LÁGRIMAS

QUER VIM BUSCAR TU JÁ SABE O MAPA



QUEBRA O BECO VAI DANDÃO TE ABRAÇA

DOM PERIGNON DE TEÇA VIVARA

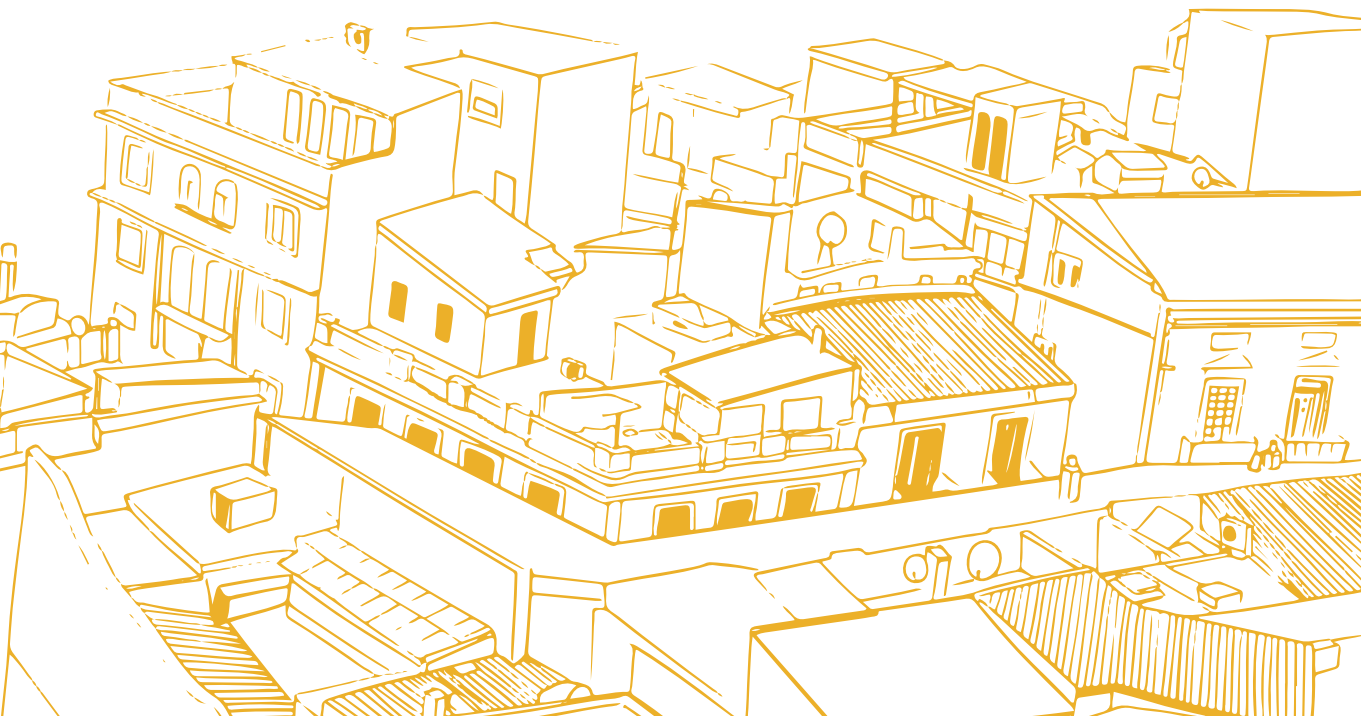
NO BECO A SIGLA DA FACÇÃO

NO MURO O NOME DOS IRMÃOS QUE SE FORAM

APRENDEM CEDO VIVEM MENOS.

[...]"

Trecho de "O Beco", rap de Gugs.



Compartilhando saberes e experiências:

a gestão colaborativa das salas de leitura na escola

**Este Capítulo foi construído com base na oficina Formação de Gestão democrática das salas de leitura ministradas por Cida Fernandez e Érica Verçosa no âmbito do projeto Rotas e Redes Literárias*

Para garantir o funcionamento adequado das Salas de Leitura é necessário estabelecer procedimentos e uma rotina para sua gestão. Seguindo os pressupostos da Educação Integral e os princípios democráticos enunciados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, é fundamental estabelecer um fluxo dialógico da sala de leitura ou biblioteca escolar com os demais agentes e atividades da unidade.

Assim, como ponto estruturante do processo, é necessário compreender e fortalecer a participação ativa de todos os segmentos da comunidade escolar, e quando possível, dos parceiros do entorno, para definir a política de uso do equipamento, bem como seus objetivos educacionais, culturais e sociais.

De acordo com as especialistas no tema, Ana Dourado e Cida Fernandez, em documento técnico sobre o programa Prazer em Ler, "a gestão de um projeto de leitura vai além de um monitoramento técnico com o fim de checar resultados", exigindo a articulação participativa de competências. Para as autoras, é preciso "aproveitar o que cada um (cada membro da equipe/ cada organização parceira) tem de melhor para poder potencializar alternativas de superação de dificuldades, criando novas possibilidades, gerando e promovendo o pertencimento dos diferentes segmentos envolvidos no processo."

“A gestão de um projeto de leitura vai além de um monitoramento técnico com o fim de checar resultados. Promover a gestão de um projeto de leitura (...) é articular competências de maneira participativa, para enfrentar desafios e superar dificuldades coletivamente. É aproveitar o que cada um (cada membro da equipe/ cada organização parceira) tem de melhor para poder potencializar alternativas de superação de dificuldades, criando novas possibilidades,gerando e promovendo o pertencimento dos diferentes segmentos envolvidos no processo.”

Ana Dourado e **Cida Fernandez**

Na perspectiva da Educação Integral, a concretização da sala de leitura como um espaço que de fato responda às necessidades da comunidade, transformando a escola - e quando possível o território - em um coletivo leitor e produtor de cultura, não pode prescindir da participação ativa e engajada dos diferentes segmentos que nele estarão envolvidos. Dessa forma, entende-se a promoção do direito à leitura como uma ação coletiva, que necessariamente precisará ser empreendida a partir das potências e possibilidades do arranjo local, levando em conta as particularidades de cada contexto, de cada território e cada coletivo.

Para ler mais: A gestão democrática no Rotas e Redes

Seguindo a estrutura e objetivos do Projeto Rotas e Redes no Maranhão, a gestão democrática do espaço é ponto de partida: desde a concepção do ambiente - e respectivo mobiliário - à definição do acervo e implementação de práticas pedagógicas. Todo projeto foi vivenciado como uma experiência coletiva, com comissões constituídas nas escolas envolvendo estudantes, professores, funcionários e direção. Para saber mais volte ao Capítulo 2 desta publicação, que apresenta o funcionamento do mesmo.

Idealmente, é necessário formar um coletivo responsável pelo espaço, mesmo que ele tenha um responsável por sua gestão direta, seja um bibliotecário, seja um professor com atribuições no equipamento. Este grupo deve ser capaz de elaborar coletivamente as regras de uso do espaço, definir a política de empréstimo de materiais, organizar o acervo, mas - acima de tudo - mantê-lo vivo, com a realização de atividades de estímulo à leitura, para dentro e para fora da escola.

Este coletivo idealmente deve ser composto por representantes dos diferentes segmentos escolares, que podem ser escolhidos de diferentes formas:

- Via indicação por pares, em uma sondagem direta com os estudantes ou via grêmio, com os familiares na Associação de Pais e Mestres (APM) e com os professores e funcionários nos momentos de planejamento da rede;
- Eleição com tempo hábil para organização de chapas e propostas;
- Indicação do Conselho Escolar.

É interessante que a composição do grupo tente ao máximo responder à diversidade escolar, tanto na representatividade numérica (paridade) dos representantes dos segmentos, quanto nos diferentes perfis de engajamento. Comumente, o jovem tido como "bagunceiro" é potencialmente um excelente mobilizador e articulador. Pensar nos diferentes perfis necessários ao funcionamento do grupo é uma estratégia interessante, garantindo ao coletivo alguém capaz de sistematizar, de articular, de organizar, de comunicar...

“Na natureza tudo é indissociável. Uma árvore é um ser humano. Suas folhas são cabelos. Os galhos são braços. Raízes, pés. Por sua vez, a terra é a carne do corpo. É pelos rios irrigada, como as veias que fazem nosso sangue correr. Quando morremos, nosso corpo é devolvido à Mãe Terra, retorna às origens. O mito desana é ciência indígena, sabedoria vivenciada. E a terra, crianças, é reflexo do céu.”

Trecho de Wuhu Siburu, Peneira de Arumã, uma narrativa umuku masá desana, escrita por Jaime Diakara e disponível em Nós, uma Antologia da Literatura Indígena.

Atenção à diversidade

Este coletivo tem como uma de suas mais importantes atribuições garantir a representatividade e valorização da diversidade da comunidade escolar, expressando esta premissa em todas as ações da sala de leitura: da definição, manutenção e qualificação do acervo à implementação das práticas pedagógicas. Isso significa observar e atentar:

- para a pluralidade religiosa, mesmo que exista maioria de determinada religião na unidade,
- para a não discriminação e valorização afirmativa das populações negra e indígenas, reconhecendo e reafirmando suas culturas, valores e práticas;
- para a não discriminação das identidades de gênero e sexualidade do ser humano, reiterando, por exemplo, a ideia de múltiplas composições familiares e liberdade de amar;
- para a equidade entre gêneros, buscando a valorização da mulher na sociedade brasileira e global;
- para a observação e valorização respeitosa das culturas estrangeiras, com seus costumes e valores próprios;
- para a valorização das diferenças físicas e de formas de aprender, reconhecendo a singularidade de cada pessoa;
- E fundamentalmente para desenvolver práticas que não reiterem e, na medida do possível, contribuam para a erradicação do machismo, da homofobia, do racismo,

da xenofobia e das diferentes formas de preconceito e exclusão.

Estes cuidados devem ser pensados e discutidos na vida cotidiana do espaço, envolvendo a escola e território em uma agenda proativa pelo respeito, valorização e integração da diversidade. Ações simples, como um mês temático da sala de leitura voltado à valorização da cultura africana e afro-brasileira ou escolha de livros que fortaleçam a diversidade nos clubes de leitura, por exemplo, mobilizam a comunidade e convocam os princípios de equidade, solidariedade e democracia, tão caros à Educação Integral.

"O exercício de ler literatura aos poucos vai nos permitindo perceber que nossas múltiplas visões e interpretações da realidade se entrecruzam, dialogam com os textos e se transformam em outras percepções de mundo, ampliado, múltiplo, possível. Com isso, nos desenvolvemos, desenvolvemos nosso olhar, desenvolvemos nossa humanidade, 'saímos da caixinha'."
Cida Fernandez, Bibliotecária e pesquisadora, assessora da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias e colaboradora do Programa Direito à Leitura, do Centro Luiz Freire, em Olinda (PE)[1].

1 emilia.org.br/literatura-como-direito-humano

Vínculo e diálogo com o território

Outra importante ação do grupo deve ser incentivar o vínculo da sala de leitura ou biblioteca escolar com os estudantes e comunidade, abrindo espaços permanentes de escuta da escola e, quando possível, do território. O que os jovens querem ler? Que leituras os professores destacam como fundamentais? A direção tem interesse em promover ações comemorativas para determinadas efemérides ou temáticas? Os funcionários têm interesse em participar de atividades junto aos estudantes? Parceiros da comunidade desejam propor alguma ação na e com a escola?

Muitas vezes, o processo inicial de escuta precisa de ações concretas do grupo organizador, seja fazendo perguntas, propondo enquetes ou abrindo e mediando rodas de conversa livres sobre o uso da sala de leitura ou biblioteca escolar.

Para construir pontes com o território, é interessante que a comissão gestora da sala de leitura ou biblioteca escolar fique atenta às oportunidades educativas e culturais do território, levando em conta não apenas atividades e datas comemorativas da comunidade, mas o patrimônio imaterial local. O Auto de Bois, o folclore tradicional, o cordel, as manifestações afro-brasileiras, as tradições indígenas, as festas cristãs, o artesanato e arte locais, o carnaval, as festas juninas são alguns dos exemplos que podem ser

integrados e valorizados por atividades da sala de leitura ou biblioteca escolar.

Na perspectiva da Educação Integral esse conjunto de símbolos e práticas tradicionais compõem o repertório de saberes do território e são potenciais educativos capazes de dialogar com os conhecimentos sistematizados e o tradicional cânone escolar, em todas as áreas do conhecimento. Quando integrados ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, a conexão entre os saberes potencializa o currículo nacional e do município, aproximando a vida e o contexto cotidiano dos estudantes das atividades escolares. Como a própria palavra indica, cabe à escola apoiar os estudantes a sistematizar os conhecimentos - ou seja, ler o mundo de forma sistêmica, compreendendo as diferentes formas de produzir conhecimentos pertinentes à sociedade atual.

Para ler mais!

Entenda mais sobre os saberes locais, práticas pedagógicas e os potenciais educativos de uma Cidade Educadora em: educacaoeterritorio.org.br/especiais/curriculo-da-cidade-educadora

Trecho de obra

"Ah! E como as vontades eram sonhadoras! Sonhavam com a luz, com uma vida ruidosa. Queriam ser descobertas e crescer, crescer, só para conseguir saltar de seus esconderijos."

Trecho de "O esconderijo das vontades", de Jonas Ribeiro.

Uma sala com nome

Outro passo importante para geração de vínculo e afirmação do espaço da sala de leitura ou biblioteca escolar é que este tenha um nome! A ideia é que a comissão ou grupo gestor do equipamento possa convocar a comunidade escolar na escolha do nome da sala de leitura ou biblioteca escolar, priorizando a valorização da história e memória da escola e do território.

Esse nome pode ser escolhido pela própria comissão de gestão do espaço, entendendo sua representatividade dos diversos segmentos da comunidade escolar, ou de forma participativa, envolvendo a escola - e quando possível, membros do território - na decisão. Pode ser realizado um pleito, uma roda de conversa, uma grande chuva de ideias… O mais importante é que esta seja uma decisão reflexiva e coletiva.

A escolha de um patrono ou patrona da comunidade também permite um diálogo com o território, realizando, por exemplo, uma atividade pedagógica para sistematização da memória desta pessoa, na realização de um sarau temático em sua homenagem ou ainda no convite de familiares daquele ou daquela que dará nome ao equipamento.

Olá! amigas e amigos!
Estamos chegando ao final desta jornada formativa, não é?
Mas, eu não podia deixar de aparecer aqui mais uma vez para dar algumas dicas em relação à escolha do nome da sala de leitura ou biblioteca escolar.
A escolha da pessoa a ser homenageada é sempre um desafio! É sempre complicado escolher alguém que represente o que o direito à leitura significa para cada comunidade escolar.
DICAS
Mas, eu tenho algumas dicas rápidas para ajudá-los neste processo.

Aqui na nossa biblioteca, nós escolhemos como patrona a grande escritora Carolina de Jesus!
Somos uma comunidade de origem quilombola, predominantemente negra, em um grande centro urbano. Para nós, os escritos e a história de Carolina são muito importantes para a construção do nosso presente, da nossa memória.
Assim, como principal dica, digo a vocês que é muito importante pensar em pessoas que simbolizem e dialoguem com o projeto educativo da escola. O que vocês desejam? Que princípios e valores sustentam as ações de vocês? Quem melhor simboliza esses desejos?

É importante lembrar que a Lei 6454, de 1977, cuja redação foi alterada pela Lei 12.781, de 2013, “é proibido, em todo o território nacional, atribuir nome de pessoa viva ou que tenha se notabilizado pela defesa ou exploração de mão de obra escrava, em qualquer modalidade, a bem público, de qualquer natureza, pertencente à União ou às pessoas jurídicas da administração indireta.”

Ou seja, precisamos escolher alguém que já tenha falecido, e que seja uma pessoa sem vínculos com as memórias escravocratas e de violência da nossa história.

Minha dica é escolher alguém que faça sentido para a comunidade de vocês! Vale homenagear pessoas do território que, mesmo não conhecidas nacionalmente, fizeram diferença na comunidade!

Ou escolher alguém que tenha contribuído para a disseminação da cultura local, seja na produção de livros, seja na confecção de cordéis, na produção artística da comunidade... enfim! São muitas as possibilidades!

Este é um momento super oportuno inclusive para reafirmar o compromisso da escola com a diversidade, escolhendo uma figura da memória local que tenha relação com a construção de uma sociedade mais justa para todas e todos.

Com uma construção de fato colaborativa estou certa que vocês irão chegar na melhor pessoa a ser homenageada e, mais ainda, que este nome siga com vocês como legado e apoio na construção do direito à leitura para toda a comunidade!

Normas e procedimentos

Por fim, para materializar o direito à leitura para todos os jovens e comunidade escolar e do entorno, é importante que o grupo responsável pela sala de leitura ou biblioteca escolar sistematize em um manual ou guia de uso as principais informações sobre o espaço, uso e empréstimo dos livros e objetos, bem como os seus principais objetivos.

Este guia deve atentar para os seguintes aspectos:

Apresentação:
o que é e qual a função do documento na sala de leitura ou biblioteca escolar e na escola.

Sobre a escola:
breve texto que apresente a escola, sua relação com o território, principais informações (objetivos, missão) do Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade de ensino.

A sala de leitura:
histórico e apresentação da sala de leitura ou biblioteca na escola, destacando, por exemplo, a data de inauguração e nome do equipamento.

- *Objetivos da Sala de Leitura:* **qual a razão da instalação de uma sala de leitura na escola, para que ela serve/servirá, qual a relação da sala de leitura com a promoção do livro e da leitura na escola e na comunidade?**

- *Público/comunidade da sala de leitura:* **Quem serão os frequentadores beneficiados pela sala de leitura: alunos, professores, funcionários, familiares? Qual o perfil do público? Crianças, adolescentes, adultos, sexo, raça/etnia, entre outras características de perfil que possam influenciar nos serviços a serem oferecidos.**

- *Gestão compartilhada da sala de leitura:* **como a sala de leitura será gerida? Quem serão os responsáveis e quais as funções da equipe de gestão da sala de leitura? Como se dará a inserção da comunidade usuária da sala de leitura nos processos decisórios de gestão, que envolvem desde a composição até a circulação dos acervos? Qual será a sistemática de reuniões, perfis dos membros da comissão, haverá duração estipulada do mandato dos membros da comissão de gestão?**

Sobre o acervo:
breve resumo do acervo disponível na sala de leitura, bem como sua importância no funcionamento da mesma.

- ***Composição e prioridades:*** **qual a composição do acervo? A sala de leitura reúne quais objetos: livros, revistas, DVDs, CDs?, Em relação aos livros, há literatura de ficção, poesia, dramaturgia, acervo técnico científico? Quais as prioridades para aquisição de novos volumes e objetos?**

- ***Seleção e aquisição do acervo:*** **Como será feito o processo de aquisição? Quais as orientações e normas da Secretaria de Educação à escola em relação ao tema? Quais são as regras no município ou estado para doações ou aquisições particulares? Quais instâncias de gestão da escola devem se envolver no processo legal para aquisição do acervo?**

Leia e descubra: Formatos de aquisição de acervo

Em geral, são três formatos possíveis para a aquisição de acervo de salas de leitura ou bibliotecas escolares:

COMPRA que segue as normas vigentes do município ou estado e normas federais: cada escola pode destinar uma parte do caixa escolar para este fim.

PERMUTA procedimentos de troca com outras bibliotecas do município ou estado, também obedecendo as normativas regionais.

DOAÇÃO a partir de editais do Governo Federal, iniciativa privada (empresas, editoras, livrarias) e organizações do 3º setor.

- ***Procedimentos técnicos após seleção e aquisição do acervo:*** **quais as orientações para registro e inventário dos volumes? Como serão catalogadas as obras: por gênero, subgênero, temática?**

- ***Materiais utilizados para tratamento técnico do acervo:*** **que recursos serão utilizados para a realização do tratamento técnico? Por exemplo, será utilizado um sistema de fitas adesivas coloridas nas lombadas dos objetos para indicação da classificação determinada - vermelho, para literatura juvenil, amarelo para romance policial, indicando que a obra é voltada aos jovens, e é um romance policial.**

Para ler mais: Referências para organização do acervo

Não deixe de acessar as referências para organização e catalogação do acervo, disponíveis como encartes desta publicação e no endereço digital: educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anexos-da-sistematizacao-do-rotas-e-redes-literarias-maranhao.zip

Inventário de uso e descarte: **o que é e como se realiza o inventário e descarte dos objetos da sala de leitura ou biblioteca escolar. Quem é responsável por inventariar o estado físico dos objetos? Em que situações é realizado o descarte - livros mofados, páginas rasgadas, edições desatualizadas, por exemplo?**

Sistema de empréstimos: que ferramentas de controle e circulação do acervo são necessárias e possíveis de serem utilizadas? Quais os critérios e regras de empréstimo? Quem é responsável pelo monitoramento do sistema?

Normas gerais: regras de uso do espaço e do acervo.

Considerações gerais: informações complementares não inseridas nos pontos anteriores.

Trecho de obra

"

(...)

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
que é uma questão
de vida ou morte
será arte?

"

Trecho do poema "Traduzir-se",
de Ferreira Gullar.

Iniciativa

FUNDAÇÃO VALE

Parceiro executor

CIDADE ESCOLA APRENDIZ

Parceiro investidor

WHEATON PRECIOUS METALS

Parceiros institucionais

GOVERNO DO MARANHÃO SEDUC

Centro de Referências em Educação Integral